



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

**HOMOSSEXUALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E AS
HISTÓRIAS DE VIDA.**

ALUNA: ISABELA PRASERES MENDES

ORIENTADORA: PROFESSORA Dr.^a SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

**HOMOSSEXUALIDADE: UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E AS
HISTÓRIAS DE VIDA.**

Monografia elaborada pela acadêmica Isabela Praseres Mendes como requisito para a conclusão do Curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Professora Dr^a Sandra Albernaz de Medeiros.

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO/2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:
PROF^a MALVINA TANIA TUTTMAN

DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS:
PROF^a LUIS CLEBER GAK

DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:
PROF^a JANAÍNA SPECHT DA SILVA MENESES

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PROF^a NAILDA BONATO

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro plano, à Deus por ter me dado a possibilidade de experimentar o que é viver.

À minha querida mãe, por sempre me incentivar a dar continuidade aos meus estudos e ao amor que me dedica eternamente.

À minha família, por ter sempre depositado em mim uma expectativa de sucesso.

Ao meu companheiro, amigo e namorado por ter me acolhido e me escutado nos momentos de angústia na elaboração desta monografia.

À professora e orientadora Sandra Albernaz, por aceitado em me orientar neste tema, sempre com uma palavra de sabedoria e de acolhimento, que motiva a seguir em frente.

Aos meus entrevistados que me ajudaram a pensar sobre este tema e me levaram a conhecer um pouco mais a homossexualidade, de forma mais clara e sem muitos mistérios. Muito obrigada!!

“Rótulos são para arquivo. Rótulos são para roupas.
Rótulos não são para pessoas.” (Martina Navratilova).

“Em toda mulher estão contidos germes e atributos
masculinos, e em todo homem, femininos.” (Herman, 1903).

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a homossexualidade a partir dos relatos de pessoas que passaram pelo processo de assumir sua sexualidade diante dos seus diferentes contextos sociais. Para a compreensão dos aspectos psíquicos e culturais envolvidos em tal fenômeno, foi realizada uma breve análise da história da homossexualidade em diferentes sociedades, além de ter a Psicanálise como referencial teórico para explicar o desenvolvimento psicosssexual. Foram realizadas duas entrevistas abertas, de caráter qualitativo, com dois homossexuais do gênero masculino, com o objetivo de que os entrevistados expusessem, não só informações e representações relacionadas ao processo de se assumir homossexual, mas que revelassem conteúdos mais profundos da sua subjetividade. Para orientar esta investigação, a metodologia “Histórias de Vida” foi escolhida como norteadora da produção de sentido do processo de “assumir-se homossexual”.

Palavras-chave: Homossexualidade – Psicanálise - Histórias de Vida

SUMÁRIO

Introdução.....	p.7
Capítulo 1 – Homossexualidade, História e Cultura.....	p.9
1.1 A História da Homossexualidade antes do nascimento de Jesus Cristo.....	p.10
1.2 A História da Homossexualidade após o nascimento de Jesus Cristo.....	p.14
Capítulo 2: Um diálogo entre Psicanálise e Homossexualidade.	p.17
Capítulo 3: Histórias de Vida de Homossexuais.....	p.26
3.1 Sobre a metodologia História de Vida.....	p.26
3.2 Conversando sobre a Homossexualidade.....	p.27
Considerações Finais.....	p.46
Referências Bibliográficas.....	p.48
Anexos.....	p.49

Introdução

A homossexualidade sempre é tema que gera bastante discussão na sociedade. Desde cedo, percebo que é um assunto bastante delicado. A falta de jeito, o preconceito e o desconhecimento acabam facilitando o surgimento de atitudes e práticas estigmatizantes, por parte das pessoas em relação aos homossexuais. Por sua vez, essas práticas podem ser percebidas através dos discursos das pessoas, da mídia e até de algumas abordagens teóricas que concebem a homossexualidade como uma anomalia ou uma doença.

Até algum tempo atrás, os homossexuais restringiam-se em um trecho da praia ou em pequenos bares, saunas e determinados cinemas localizados no centro da cidade para estabelecerem as suas relações. Para a comunidade LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes) era uma forma de proteção contra a homofobia. A discriminação sexual infelizmente existe, no entanto, a luta contra o preconceito atravessa uma fase de transformação significativa. Em vez de manter o confinamento como uma defesa, os homossexuais começam a se expor, a se exhibir, a se assumir. Pelo menos, através das minhas observações, percebo que é muito comum nos depararmos com homossexuais sem nenhum constrangimento de assumir a sua sexualidade perante o seu grupo de relacionamentos, como na escola, no trabalho, na família, dentre outros.

Ao longo da história, os homossexuais já foram considerados criminosos e eram julgados cruelmente. Na Inglaterra, em torno do século XIX, houve o enforcamento de várias pessoas devido a sua sexualidade. Já na Rússia, na mesma época, autoridades mandavam o *muzhelozhstvo* (que significa "homem que dorme com homem") passar até cinco anos na Sibéria. A Alemanha nazista tratou os homossexuais do mesmo jeito que os judeus. Em um momento posterior, os homossexuais, conforme já mencionado anteriormente, passaram a ser vistos como doentes. Não faz muito tempo que a OMS (Organização Mundial de Saúde) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças. Os diversos estudiosos sobre o tema geralmente afirmam que esta orientação se dá devido a um conjunto de fatores, resultados de influências biológicas, psicológicas e socioculturais.

De acordo com a Psicanálise, Freud afirmou que a sexualidade inicia-se muito antes do período da puberdade, isto é, desenvolve-se ao longo da infância. Em seu texto chamado "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), o autor considera os homossexuais como "invertidos", já que suas pulsões sexuais direcionam-se para um objeto do mesmo gênero. É

interessante evidenciar que Freud é contrário a idéia de que a inversão (homossexualidade) seja uma manifestação patológica. Em seu texto, afirma que a inversão pode ter origem inata como também pode ser oriunda de outras causas, isto é, ser proveniente de uma característica adquirida pela pulsão sexual, além de supor que haja uma bissexualidade universal nos seres humanos. ✓

A minha escolha pelo tema pode ser definida por algumas situações do meu dia a dia. No meu círculo de amizades existe um significativo número de pessoas que se reconheceram homossexuais entre o final da adolescência e o início da idade adulta. Esse fato me permitiu uma maior aproximação com este universo, o que me gerou uma série de questões no que diz respeito ao processo de desenvolvimento psicosssexual, da orientação da libido, dos desejos etc. Afinal, a homossexualidade é definida ainda na infância? Existem influências socioculturais que sejam determinantes na orientação sexual de um indivíduo? Quais os conflitos presentes no processo de se reconhecer como homossexual? E a família dos dias atuais, aceita naturalmente ou ainda existe uma forte resistência? O contato constante com essas pessoas e a relação de confiança estabelecida pelos laços de amizade me ajudou a acompanhar suas histórias, os seus conflitos e suas trajetórias sem muitas dificuldades.

Como faço análise, pude perceber que a escolha deste tema possui um sentido na minha história, pensando a homossexualidade como um modo de se assumir ativamente, frente a uma sociedade que estabelece padrões a serem cumpridos, e quem não os cumpre acaba sendo excluído, sofrendo consequências dessa marginalização. ✓

Em meu trabalho acadêmico pretendo investigar a homossexualidade em duas vertentes. ✓

Objeto e abordagens Em primeiro lugar, através de uma pesquisa teórica a cerca do tema, privilegiando os fatos históricos nas diversas sociedades em que a homossexualidade esteve presente, até como uma expressão da educação para a fase adulta. Em um segundo momento, utilizo a teoria psicanalítica para fundamentar o desenvolvimento sexual infantil e a escolha homossexual. Posteriormente, há a apresentação e análise das entrevistas realizadas com pessoas que se reconheceram homossexuais, com o propósito de conhecer um pouco mais sobre o universo homossexual, e, principalmente, na tentativa de saber, a partir dos relatos, como eles perceberam a sua trajetória no que tange a sua sexualidade, em diferentes situações, como na escola, na família, com os amigos e nos outros diversos momentos de suas vidas, a infância, a adolescência e a idade adulta. Portanto, tentei resgatar a experiência subjetiva e, posteriormente, associá-la às propostas da Psicanálise a cerca do desenvolvimento da sexualidade. Para a condução das entrevistas e a apuração das informações, utilizei a metodologia "História de Vida", que possibilita uma maior abertura ao sujeito para expor a sua singularidade, seus sentimentos e crenças. ✓

método

Isabela: O termo homossexualidade apareceu no sec. XIX e ele nomeia uma experiência que não assim compreendem.

Capítulo 1: Homossexualidade, História e Cultura.

A homossexualidade é um tema contemporâneo que, cada vez mais, ganha espaço na mídia, nas questões judiciais, nas mobilizações e festas nas ruas. Não é raro escutarmos que os homossexuais têm aparecido mais no dia a dia, no sentido de estarem se assumindo frente aos seus grupos sociais. Quem não conhece alguém com um jeito que foge do padrão heterossexual estipulado pela sociedade ocidental?

A partir das minhas observações do meu próprio cotidiano e do meu contato com alguns homossexuais, percebi que um grupo, que já foi considerado minoritário hoje ganha cada vez mais destaque, gerando inúmeras discussões a cerca de suas experiências. Isso nos leva a estabelecer um conjunto de ideias sobre homossexuais, nas quais, inevitavelmente, ocorre a impregnação de conceitos baseados em mitos e preconceitos.

Esse tipo de comportamento, por incrível e estranho que possa parecer, ocorre desde os mais remotos tempos da História, mesmo antes do nascimento de Cristo, tanto na cultura Oriental como na Ocidental. É interessante evidenciar que mesmo com a educação sociocultural que, atualmente, tenta reprimir os desejos homossexuais estipulando o padrão heterossexual como a norma, os sentimentos homossexuais acabam sendo mais fortes do que a repressão, o que ocasiona o "assumir-se homossexual".

Segundo Naphy (2004), explicar a homossexualidade a partir de argumentos baseados nos aspectos genéticos e naturais não é plausível, visto que acabam se tornando incompletos, além de não serem convincentes. Por sua vez, justificar a homossexualidade pautando-se na cultura acaba também não justificando uma grande variedade de atividades sexuais realizadas pelos seres humanos. Outra questão é que, nos argumentos em que há o privilégio do ponto de vista da cultura e da natureza, acaba também havendo a pressuposição da existência de um padrão normativo de sexualidade, assim, possibilitando uma explicação da homossexualidade a partir do desvio desta norma. Isso demonstra como as discussões a cerca da origem da homossexualidade ainda não estabelecem uma razão específica para explicar tal fenômeno.

Existem várias definições e teorias que tentam definir o que é homossexualidade. Por sua vez, esta orientação sexual já foi até entendida como uma doença ou anomalia. Barbero (2003) afirma que "a homossexualidade que pode ser vista simplesmente como uma direção preferencial ou única dos desejos amorosos e sexuais por pessoas do mesmo 'sexo', já foi erroneamente considerada pelo saber médico e psicanalítico como uma anomalia, uma

Por que não? Afinal, o fato de ~~travestis~~ existir em todas as culturas e em todos os tempos já seria um bom motivo para crer que a homossexualidade é uma natureza humana.

* Isabela: creio que o grupo continua minoritário. Antes, ele era praticamente invisível e "indizível".

que juízo de valor há nesta frase! Homossexuais sempre existiram, e ponto => homossexuais no sentido de pessoas que relacionam homo-afetivamente. mas o termo homossexual só veio recente.

degeneração, o resultado de um conjunto neurótico, uma perversão sexual, um transtorno do caráter ou um problema de identidade.” (p.12)

De acordo com a reportagem da Revista Veja do dia 25/06/2003, intitulada de “A força do Arco-Íris”, até algum tempo atrás, os homossexuais se isolavam em guetos, com o objetivo de estabelecer suas relações sociais, namorarem etc. Mas esta situação, nem sempre foi assim. Ao longo da história, existiram algumas culturas que aprovavam a homossexualidade, até como uma forma de iniciação às práticas sexuais dos mais jovens. Outras, já repudiavam, visto que este caminho da sexualidade não levava ao objetivo da procriação, que por sua vez, era bastante valorizado.

A partir da ênfase no valor de que o sexo tem como principal finalidade a procriação, propagado pela cultura judaica, a concepção sobre a homossexualidade foi se transformando. A força da religião cristã trouxe o imaginário de que a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era pecado.

1.1. A história da homossexualidade antes do nascimento de Jesus Cristo

Nos tempos anteriores ao aparecimento das leis ^{proclamadas} ~~profanadas~~ por Deus através de Moisés, como por exemplo, os Dez Mandamentos, poucas culturas apresentaram uma significativa moralização no que diz respeito à relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. O que havia de preocupação e relevância era a posição assumida na relação, ou seja, de passividade ou atividade. De acordo com Naphy (2004), *“a maioria das culturas parecia aceitar que os homens podiam ter relações sexuais uns com os outros, mas entendia que alguém que assumisse a posição passiva (no sexo anal) tornava-se, depois disso, menos homem.”* (p.19) É interessante evidenciar que nesta época da história, mesmo a passividade perdia o seu cunho depreciativo caso o parceiro envolvido fosse um adolescente, na faixa etária entre 14 e 20 anos.

Outro dado interessante era que, antes da prevalência do monoteísmo, os deuses idolatrados no Oriente apresentavam uma imagem que sugeria uma ambivalência sexual, o que representava a bissexualidade como uma norma teológica.

Já na mitologia grega, Naphy (2004) afirma que Zeus foi casado com a deusa Hera. Mesmo assim, percorreu atrás de mulheres, além de ter raptado um belo jovem chamado de Ganimedes. Já Poseidon casou-se com Anfitrite, e isso, não o impediu de perseguir Demeter e violar Tântalo. Apolo, outro deus da mitologia grega, era bissexual. Na cultura grega, as relações

homossexuais não eram exclusivamente entre indivíduos com idades diferentes (por exemplo, um homem mais velho e um adolescente).

Um aspecto que deve ser ressaltado é que, nesta época, de adoração aos deuses, o que realmente importava era a posição ocupada pelos sujeitos nas relações sexuais (de atividade ou passividade) e não, a identidade ou o gênero sexual. Isto significava que a opção sexual não era tão considerada, e sim, quem fazia o quê a quem. Nussbaum *apud in* Naphy (2004) afirma: “... *A distinção fundamental para a moralidade sexual era a distinção entre os papéis ativo e passivo. O sexo do objecto... não [era] em sim moralmente problemático... O que [era] importante socialmente [era] penetrar em vez de ser penetrado. A relação sexual era entendida essencialmente não como uma interação, mas como um fazer alguma coisa em alguém.*” (p. 22)

Assim, não havia uma estigmatização, nem repressão da homossexualidade masculina. No entanto, havia algumas normas que deveriam ser seguidas, tais como a idade e o status social do parceiro. Em Roma, Julio Cesar era considerado “*o marido de todas as mulheres e a esposa de todos os homens*”. (NAPHY, 2004, p.60)

Já nas culturas do Oriente, as práticas homossexuais eram aceitas. Não eram vistas como uma doença ou imoralidade. Todos poderiam praticá-las, desde que, não usasse a violência e a compulsão, e que fizesse com homens que adotassem a posição passiva naturalmente.

Os egípcios já desprezavam a posição de passividade nas relações homossexuais, pelo fato, de que, geralmente, os sujeitos passivos possuíam um comportamento mais afeminado. No continente africano, em geral, existem dados históricos que comprovam a presença de casamentos entre mulheres, havendo a doação de dotes.

Na Índia, seus deuses também assumiam diferentes aparências, além de se relacionarem sem distinguirem o gênero sexual. No hinduísmo, essas práticas eram mais acentuadas. Além da homossexualidade, os hindus também mudavam de gênero sexual. Um fato curioso é que estes povos, atualmente, promovem a ideia de que nunca houve uma tolerância social perante aos homossexuais, ou seja, eles acreditam que esses comportamentos “foram importados” da cultura ocidental.

Na China, as relações homossexuais mais comuns eram aquelas que ocorriam entre uma pessoa de uma classe social mais baixa na posição passiva e uma pessoa de classe mais alta, na posição ativa. Na literatura chinesa, há certo enaltecimento das relações homossexuais como exemplos do amor romântico. Existe uma história conhecida sobre o duque Ling de Wei (534-493 a.C.). Ele tinha um favorito chamado Mizi Xia. Naphy (2004) comenta que Mizi Xia oferece a sua dedicação ao seu amante no momento em que este adocece, ficando ao lado de sua

carruagem. Entrar na carruagem do duque sem uma autorização tinha como punição a amputação dos pés. O duque ficou comovido pelo amor de Mizi Xia e o absolveu. Posteriormente, após experimentar um pêssego muito doce, Mizi Xia ofereceu a outra metade ao duque. Por sua vez, a relação entre os dois acabou não dando certo e o duque aproveitou-se do roubo da carruagem e da oferta do pêssego pela metade como provas da falta de consideração de Mizi Xia. Esta história caracteriza a origem de uma expressão muito comum referente ao amor romântico entre duas pessoas do mesmo sexo: “o amor do pêssego partilhado”.

Outra questão que merece ser mencionada é que o conceito de amor, de se casar em função deste sentimento, é algo bem recente. Por volta dos anos 1300 a. C, os casamentos eram oriundos de arranjos familiares que tinham o objetivo de garantir a continuidade da família, através dos filhos. Sendo assim, era permitido que as pessoas tivessem relações sexuais ou amassem outras pessoas, desde que esta atitude não prejudicasse a procriação e o futuro dos filhos.

Na religião judaica, atribuía grande importância na pureza dos comportamentos, através da lei moisaca (lei de Moisés). De com Naphy (2004), *“embora os atos homossexuais fossem totalmente condenados e a morte decretada como castigo, o rol dos pecados para os quais havia um castigo semelhante confirma que o importante não era tanto o sexo e si, mas a pureza do comportamento e caracter.”* (p.38) No judaísmo, o que importava não era a censura da homossexualidade propriamente dita, mas assegurar a relação sexual com finalidade de procriação.

Na Bíblia, há a presença da ideia de que o sexo tem a função de procriação. Ou seja, a homossexualidade e o incesto eram claramente condenados: *“todo e qualquer acto sexual que não seja potencialmente procriador é antinatural e condenado por Deus”*. (NAPHY, 2004, p.39). A história de Sodoma e Gomorra, relatada na Bíblia, revela algumas opiniões a cerca da homossexualidade:

“A cidade de Sodoma havia se deixado levar pela alvareza e a soberba. No começo da história, diz que o sobrinho de Abraão, Ló, que mora em Sodoma encontrava-se sentado nos portões da cidade quando chegaram dois anjos, disfarçados de homens. Ló os saudou, convidando-os a passarem a noite na sua casa. Não havia hotéis, nem sequer uma pequena pousada naquela época, portanto os viajantes tinham que depender da gentileza e boa vontade dos residentes para acomodação. ‘Obrigado’, disseram eles, mas, vamos pernoitar na praça, muito obrigado. Não me parece uma boa ideia, pensou Ló, e insistiu tanto com os estrangeiros que estes não puderam negar e concordaram em ir pousar na casa de Ló. Como um homem generoso, Ló ofereceu comida e eles, após

cearem preparavam-se para deitar. Aparentemente a notícia da chegada dos homens espalhou-se pela cidade como rastilho de pólvora, pois logo todos os homens da cidade se encontravam na porta de Ló, clamando pela presença dos homens. Ló sai de casa para tentar acalmar as pessoas da cidade. 'Meus irmãos, rogo-vos que não procedais tão perversamente; eis aqui, tenho duas filhas que ainda não conheceram varão; eu vo-las trarei para fora, e lhes fareis como bem vos parecer: somente nada façais a estes homens, porquanto entraram debaixo da sombra do meu telhado. Eles, porém, disseram: "Traz-os fora a nós para que abusemos deles", (Gênesis 18:4-5). Sai daí. Disseram mais: esse indivíduo, como estrangeiro veio aqui habitar, e quer se arvorar em juiz! Agora te faremos mais mal a ti do que a eles. E arremessaram-se sobre o homem, isto é, sobre Ló, e aproximavam-se para arrombar a porta. Aqueles homens (os anjos), porém, estendendo as mãos, fizeram Ló entrar na casa, e fecharam a porta; e feriram de cegueira os que estavam do lado de fora, tanto pequenos como grandes, de maneira que cansaram de procurar a porta'. Com o amanhecer os estrangeiros conduziram Ló, sua esposa, e suas duas filhas para fora da cidade. Então disseram os homens a Ló: 'Tens mais alguém aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens na cidade, tira-os para fora deste lugar. Corram, não parem e não olhem para trás!' "E Deus mandou uma chuva de enxofre e fogo desde os céus, sobre as cidades de Sodoma e Gomorra e as destruiu." (Homossexualidade e Bíblia – Sodoma e Gomorra: texto retirado do site <http://www.betelrj.com/node/301>, acessado em 07/11/2010).

De acordo com Naphy (2004), o pedido para conhecer os visitantes angélicos de Sodoma era um pedido para ter relações sexuais com os mesmos, isto é, sodomizá-los (daí vem a ^{frase} significado da palavra sodomia). Que Ló tinha oferecido a filha no lugar deles. O aspecto que mais repugna no que diz respeito ao comportamento dos homens seria o desrespeito pelos princípios consagrados da hospitalidade. O profeta Ezequiel (16:49-50) *apud in* Naphy (2004) não deixa dúvidas de que esta é a interpretação correta do relato bíblico: "o pecado da tua irmã Sodoma foi este: ela e as cidades dependentes estavam cheias de soberba, abundância e despreocupação, mas não estenderam a mão para socorrer o pobre e o indigente. Eram orgulhosas e faziam coisas abomináveis. Por isso, eliminei-as, como viste". (p. 42) Esta passagem contextualiza a destruição de Sodoma devido à falta de generosidade, pelo o seu orgulho, sua voracidade e seu tratamento não hospitaleiro dos fracos e dos pobres. Para mostrar que a razão da destruição de Sodoma foi a homossexualidade, ^{deveria-se} interpretar a expressão "coisas abomináveis" como alusivas apenas a homossexualidade e ignorar tudo o que Ezequiel disse anteriormente.

⊗ não cumprimento do preceito da hospitalidade

passou-se a interpretar

1.2. A história da homossexualidade após o nascimento de Jesus Cristo

Com a assimilação do valor procriador do sexo, disseminado pela cultura judaica, a concepção sobre o ato homossexual foi se transformando. A força do cristianismo trouxe a concepção de que o sexo entre iguais seria pecado. O sexo por prazer passou a ser o sexo para a procriação, assim como o politeísmo, deu lugar ao monoteísmo.

Em 200 d.C., os gregos ainda consideravam o amor entre pessoas do mesmo gênero como integrante da ideia de singularidade e independência gregas. O amor entre dois homens era um elemento importante na cultura grega. A pederastia (relação entre um homem mais velho e um adolescente) e o sistema de camaradagem masculina entre os soldados espartanos eram exemplos de comportamentos institucionalizados. Porém, não eram as únicas formas que o povo grego aceitava a relação homossexual. Eles sempre frisavam que as relações pautadas na ligação emocional, na amizade, no afeto e no amor estavam em um plano acima das relações conjugais.

Os Eleatas (pessoas que organizavam os jogos Olímpicos) eram considerados pelos atenienses e outros povos gregos como seus parentes mais simples e menos instruídos. Todavia, eles eram conhecidos pelas suas formas atléticas e sua admiração pela beleza masculina. Não eram bem vistos pela sociedade grega por admirarem a beleza masculina e também se oferecerem às atividades homossexuais masculinas.

Já os Tebanos (oriundos de Tebas) eram famosos por suas proezas militares. Naphy (2004, p.56) relata que existe uma lenda grega que conta a história do Batalhão Sagrado de Tebas. Este batalhão era composto por 150 pares de amantes homossexuais. Ficaram famosos quando derrotaram os Espartanos. Foram vencidos apenas três décadas mais tarde por Filipe de Macedônia e seu filho, Alexandre Magno, na Batalha de Queroneia (338 a.C.). Os gregos não achavam que a homossexualidade interferia nas virtudes militares, ou seja, acreditavam que ajudava no campo de batalha.

A pederastia fazia parte da educação dos gregos. Associava-se aos deveres como cidadão. Ocorria que, às vezes, a família do jovem escolhia seu parceiro mais velho, o que fortalecia os laços familiares. As escolas de atletismo se caracterizavam como um dos principais pontos de relações.

Roma, ao contrário dos gregos, não era favorável à pederastia. A sodomia não era considerada uma prática educativa, como na Grécia. De acordo com Naphy (2004), "*sodomizar um adolescente não era considerado pelos romanos parte importante do processo educativo. O importante para os romanos era ter o poder de sodomizar tudo e todos.*" (p.59) Assim, os

→ desde que fosse no âmbito pedagógico.
 um homem mais velho
 Fora deste âmbito, a si bacana, era faz tempo
 Não era aceitável o fato de dois homens adultos viverem juntos

romanos não tinham problemas em se relacionar com pessoas do mesmo gênero, desde que ocupassem a posição ativa. Esta sociedade, de alguma maneira, reconheceu a superioridade da civilização grega, o que influenciou o modo de estabelecer sua própria cultura. Como consequência, foi a criação de uma concepção confusa e grosseira acerca da homossexualidade.

Os romanos encaravam o sexo apenas como um ato de penetração. O prazer e a procriação eram considerados como fatores que permitiam as relações sexuais, no entanto, sempre havia a forte afirmativa de que o homem tinha o poder de “penetrar” algo ou alguém. *“O homem podia penetrar para gerar filhos, por simples prazer, por razões do Estado, ou mesmo por amor - mas o homem penetrava”*. (NAPHY, 2004, p.62)

A forte influência do cristianismo (nos séculos II e III d. C.) favoreceu algumas transformações na sociedade romana. Grande parte dos imperadores e da classe com o poder de direção não eram romanos e nem urbanos, o que favoreceu a difusão de filosofias como o Estoicismo, que valorizava a vida junto com a família e a moderação, que por sua vez, favoreceu o surgimento de uma sociedade menos favorável a tolerar a confusão sexual. O imperador Marco Aurélio (121-180 d.C) em suas anotações escreveu: *“aprendi desde cedo... a reprimir toda a paixão por rapazes”*. (NAPHY, 2004, p.69)

No reinado de Teodósio, o Grande (379-395), ocorre o primeiro registro de um castigo corporal por causa da homossexualidade. Os condenados estavam envolvidos com a prostituição masculina. O cristianismo era sancionado pelo Estado e recebia apoio da lei. No entanto, a filosofia e a literatura ainda continuavam a apoiar a concepção de que a heterossexualidade era importante para a manutenção da nossa espécie, mas a homossexualidade era refinada e civilizada. As sociedades mais rústicas deveriam se voltar à finalidade da procriação, enquanto que as sociedades mais sofisticadas davam prioridade a comportamentos mais refinados.

Santo Agostinho (354-430) também enfrentou o conflito do amor homossexual, devido a um amigo:

“Porque eu sentia que a minha alma e a dele era uma alma em dois corpos, e por isso a vida era um horror para mim, porque não queria viver como uma metade; e no entanto, também tinha medo de morrer porque não queria que ele, que eu tanto amara, morresse completamente.... Assim contaminei a fonte da amizade com a lama da luxúria e toldei o seu brilho com o negrume do desejo”. (Santo Agostinho *apud in Naphy, 2004, p.73*)

Todavia, Santo Agostinho descreveu a homossexualidade como contrária ao costume humano.

Uma obra interessante para ser pensada é o Kama Sutra, que é uma obra hindu. O principal conteúdo é a busca do prazer, tanto num modo mais geral, como em um modo mais singular. No que diz respeito a homossexualidade masculina, o Kama Sutra é mais explícito na sua abordagem do sexo oral. Yashodhara, um comentador medieval do texto, identifica um terceiro sexo, que se relaciona ao indivíduo homossexual. Ele descreve dois tipos de sujeitos o terceiro sexo: os homens que se são afeminados e os que não são. Ambos os tipos desejam se relacionar com homens, mas isso é mais claro nos indivíduos do primeiro tipo. Já o autor do texto hindu, Vatsyayana, como também o seu comentador, demonstram uma atitude muito tolerante com relação ao sexo oral entre homens. O autor ainda conclui afirmando que: *“a variabilidade da mente humana (e do desejo) é tão grande que ninguém pode saber quando, como e por que razão uma pessoa poderá querer praticar este tipo de sexo.* (NAPHY, 2004, p.86)

No século XIX, com o “boom” das teorias biológicas e o auge da razão como verdade absoluta, teorias queriam dar uma explicação científica para a homossexualidade. No século XX, como por exemplo, a cirurgia de lobotomia cerebral foi pensada como uma solução cirúrgica para aqueles que quisessem se “livrar” deste comportamento. Nesse mesmo período, diversos grupos lutaram pelo fim da discriminação e a abolição da classificação científica que identifica a homossexualidade como uma doença que deve ser curada.

No próximo capítulo, meu objetivo é aprofundar em uma das muitas teorias que tentam explicar a homossexualidade, no que diz respeito à sua origem. Escolhi a Psicanálise freudiana porque acredito que sirva como um fundamento para uma maior compreensão das experiências subjetivas dos sujeitos, principalmente quando estão associadas à sexualidade e ao inconsciente.

Isabela: faltou apresentar o contexto do surgimento do termo homossexualidade, no séc. XIX. A partir

Capítulo 2: Um diálogo entre Psicanálise e Homossexualidade.

Para pensar sobre a homossexualidade a partir de uma teoria, escolhi a Psicanálise freudiana como fundamento teórico, pois acredito que seja um caminho para se entender um pouco mais a fundo as experiências subjetivas do ser humano, visto que o considera como um sujeito do inconsciente. A partir de algumas leituras que realizei, existem algumas ressalvas para o uso da Psicanálise como um meio para se compreender a homossexualidade, já que muitos pesquisadores e estudiosos acreditam que seus escritos acabam servindo como uma teoria “normalizante” e que consideraria a homossexualidade como uma doença.

Barbero (2003) revela sua ideia de que a Psicanálise considerava a homossexualidade como uma anomalia. No entanto, a partir dos escritos de Freud, pude perceber que a Psicanálise é uma ciência oriunda do saber médico. Freud era médico e quando fundou a Psicanálise, estava interessado em investigar os motivos que levavam a chamada “doenças nervosas funcionais”, nas quais o tratamento médico não era eficaz. É evidente que, naquela época (final do século XIX e início do século XX), os médicos não levavam muito em consideração os aspectos psíquicos de qualquer patologia. Assim, pelo fato de Freud ter tido uma formação direcionada pela área médica, o que implica em uma investigação dos comportamentos que diferem da norma estabelecida pelo meio social, muitos estudiosos acabam criticando a Psicanálise. Contudo, acredito que devemos ter muito cuidado com o uso do termo “anomalia” nos textos de Freud. Anomalia possui o sentido de se referir a tudo aquilo que se desvia de um padrão. A anomalia em si não é doença, uma patologia, como muitos acreditam. Mas, pode se tornar patológico a partir do momento que tal condição imponha um sofrimento ao sujeito.

Todavia, durante a leitura do texto “Os três ensaios sobre a Sexualidade”, Freud transmite sua inquietação, na tentativa de explicar o que poderia sugerir o comportamento sexual em geral. No prefácio de sua obra, há a afirmação de que as observações clínicas referentes à importância dos fatores sexuais na causa da chamada neurose de angústia, da neurastenia e posteriormente, das neuropsicoses de defesa, foram o que influenciou Freud a estudar mais a fundo a sexualidade em geral. A princípio, as abordagens utilizadas por Freud nas suas investigações foram baseadas na fisiologia e na química.

No que diz respeito à sexualidade infantil, tão comentada nas obras freudianas, acreditava-se (nos anos anteriores a 1897), que esta só surgia a partir da intervenção de um adulto. Atualmente, baseando-se na teoria psicanalítica, sabe-se que a sexualidade infantil existe

e faz parte do desenvolvimento de qualquer sujeito, independente da intervenção de um adulto e, também, ocorrendo antes mesmo da chegada da puberdade: *“as crianças são capazes de todas as funções sexuais psíquicas e de muitas somáticas”*. (FREUD, 1905, p.122) No entanto, Freud evidenciou claramente que *“a organização e a evolução da espécie humana buscam evitar qualquer atividade sexual considerável na infância”* (FREUD, 1905, p. 123).

O autor inicia sua reflexão conceituando o que seria a pulsão sexual. Ele cita que a pulsão sexual se relaciona às necessidades de satisfação dos desejos sexuais nos seres humanos, isto é, com a libido.

De acordo com Freud (1905), a opinião popular acaba caracterizando o que seriam as pulsões sexuais. A representação do senso comum esclarece que essas pulsões estariam ausentes na infância e só apareceriam na puberdade, através da atração pelo outro, o que ocasionaria a união sexual ou a comportamentos que sugerissem esta direção.

Dois conceitos que Freud pontuam claramente são os de objeto sexual e alvo sexual. O objeto sexual seria *“a pessoa de quem provém a atração sexual”* (FREUD, 1905, p.128), e de alvo sexual, *“a ação para a qual a pulsão impele”* (FREUD, 1905, p.128). O que pude entender sobre essas passagens é que o objeto sexual se caracteriza por um sujeito que provoca uma atração pelo sujeito que deseja, sendo do mesmo gênero sexual ou não. Já o alvo sexual abrange os comportamentos que surgem a partir da força da pulsão sexual.

A partir desta breve fundamentação, Freud inicia seus escritos sobre os Desvios em Relação ao Objeto Sexual. Em seu texto, aponta a “Inversão”, que seria a homossexualidade em “Animais e Pessoas Sexualmente Imaturas Como Objetos Sexuais”. Posteriormente, Freud escreve sobre os Desvios com respeito ao Alvo Sexual e por fim, do seu primeiro ensaio, se aprofunda nas Perversões.

A inclusão das “Inversões” como um desvio, a meu ver, não possui uma conotação de patologia, mas de um desvio em relação à norma, em que a maioria dos sujeitos se insere. Considerando o contexto histórico em que Freud escreveu, era inevitável pensar a homossexualidade como um desvio, visto que a cultura, influenciada pela Igreja, estabelecia como norma a união sexual com o fim de construir uma família, e não para a obtenção de um prazer.

Segundo Freud (1905), as representações populares ^{deve} ~~da~~ da pulsão sexual possuem uma “fábula poética” que está relacionada à ideia de que o ser humano é dividido em duas metades: homem e mulher, e que estes desejam se unir pela mediação do amor. Esta fantasia, de alguma forma, acaba interferindo no choque que ocorre quando esta união se realiza entre

pessoas do mesmo gênero. “*Diz-se dessas pessoas que são do ‘sexo contrário’, ou melhor, ‘invertidas’, e chama-se o fato de inversão. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldades em apurá-lo com precisão*” (FREUD, 1905, p.129).

Sobre o comportamento dos “invertidos”, Freud o subdivide em três categorias: os **invertidos absolutos**, que são aqueles em que o objeto sexual só pode ser de mesmo gênero, isto é, um objeto sexual de gênero oposto ao seu nunca anseia um desejo, pelo contrário, os remete a certa frieza e até aversão; os **invertidos anfigenos**, que Freud assemelha aos hermafroditas sexuais, visto que seu objeto sexual pode pertencer ao mesmo gênero do sujeito ou o seu oposto, ou seja, não há uma exclusividade na escolha (poderíamos enquadrá-los ao que chamamos de bissexuais); e por fim, os **invertidos ocasionais**, que em determinadas situações extremas, como por exemplo, a falta do objeto sexual de costume ou a imitação, há a tomada do objeto sexual do mesmo gênero, havendo satisfação no ato sexual.

Com relação à opinião dos “invertidos”, Freud descreve que alguns apontam para a Inversão como algo natural, defendendo os seus direitos, enquanto outros sofrem com a sua Inversão, sentindo-a como uma compulsão patológica. Por sua vez, Freud não precisa em que momento no desenvolvimento do indivíduo ocorre a Inversão, apontando que pode acontecer desde quando a memória da pessoa alcance a lembrança desses traços, sendo que podem surgir antes ou depois da puberdade. Além disso, os traços da Inversão podem perdurar durante toda a vida do indivíduo ou apenas por um determinado momento, um episódio que o leva posteriormente a atividade heterossexual, e ainda, ocorrer após um longo período de relações direcionadas ao objeto sexual de diferente gênero. Durante a leitura, percebe-se sua curiosidade em relação aos casos em que ocorre a Inversão após um longo período de relações com um objeto heterossexual.

Freud (1905) afirma que: “*a inversão existiu desde época muito prematura e que a pessoa se sente em consonância com sua peculiaridade.*” (p.130) Esta passagem me remeteu as entrevistas que realizei com duas pessoas que se consideram homossexuais. Elas relataram que perceberam sua peculiaridade desde muito cedo:

Entrevistado 1

Você já sabe desde quando nasce?

Ricardo¹: *Você já tem desejos. É como quando você vê um homem bonito e você acha interessante. É a mesma coisa. Quando eu era criança ia com a minha mãe ao salão de beleza. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Eu lembro que eu olhava as revistas e via os homens e achava bonito. Eu não entendia o que tava acontecendo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Mas achava bonito. Eu lembro uma vez também que eu vi o Sergio Malandro na televisão. Tava passando o programa dele... Olha só! Tá tão natural na gente! Ai eu falei com a minha mãe: "Nossa, como ele tá bonito hoje!". Olha só, eu tinha essa idade mais ou menos. Ai minha mãe falou: "Tá, mas Ricardo, você não pode achar homem bonito não, não pode falar isso não". Ai você já começa a aprender esse negócio que não pode agir desse jeito. Já começa a aprender que tá errado. Ai você já vai se cortando.*

Entrevistado 2

Quando foi o momento que você sentiu que o seu desejo era diferenciado da maioria das outras pessoas? Quando você percebeu que o seu desejo era voltado mais para o lado "homo" e não para o lado "hetero"? Quando percebeu isso e como é que você se sentia?

Marcello¹: *Cara, acho que a gente percebe desde sempre. Isso é uma coisa assim... Eu nunca tive atração por menina. Eu nunca tive "ai, eu quero namorar fulana". Saia com os amiguinhos para a matinê e nunca tinha interesse de ficar com as meninas. Quando fica mais nítido e a gente pensa: "hum que delícia, quero esse" é uma transição que ocorreu, para mim, aos 14, 15 anos, foi quando comecei a ter os meus "peguetes".*

Freud (1905) define com clareza a sua concepção de Inversão:

"A primeira apreciação da inversão consistiu em concebê-la como um sinal inato de degeneração nervosa, e estava em consonância com o fato de os observadores médicos terem deparado com ela pela primeira vez em doentes nervosos ou pessoas que davam a impressão de sê-lo. Essa caracterização contém dois elementos que devem ser apreciados separadamente: o caráter inato e a degeneração". (p.131)

Conforme salientou nesta passagem, a primeira impressão de Freud ^{quer} ~~à~~ ^{cerca} da Inversão foi sua ligação com a fisiologia, o que hoje é amplamente questionável. Em relação aos dois elementos em que ele distingue separadamente, o caráter inato e a degeneração, o autor discute em seu texto de forma bem explicativa, na tentativa de identificá-las em duas categorias distintas.

A degeneração, segundo Freud (1905), costuma ser um termo utilizado para todas as manifestações patológicas que não são oriundas diretamente de um trauma ou uma infecção.

¹ Nomes fictícios.

Então, o autor pontua que o termo degeneração deve ser usado quando: *“houver uma conjugação de muitos desvios graves em relação à norma; a capacidade de funcionamento e de sobrevivência parecer em geral prejudicada.”* (p.131) É importante evidenciar que Freud não classifica os “invertidos” nessa categoria, já que a Inversão aparece nas pessoas que não demonstram nenhum outro tipo de desvio grave da norma e também que ocorre em pessoas que não sofreram nenhum comprometimento grave no seu desenvolvimento, pelo contrário, elas acabam destacando-se nas áreas intelectuais e culturais. Ainda acrescenta que existem duas direções que confirmam a não inclusão da Inversão no campo das degenerações: nos povos mais antigos, a Inversão era um comportamento frequente praticamente institucionalizado que exercia importantes funções (conforme já analisamos no capítulo 1 deste trabalho), além de ser bastante difundida nos povos selvagens e primitivos. Ou seja, Freud conclui que o termo degeneração acaba sendo disseminados pelos povos europeus e civilizados, além de favorecerem a formação e o juízo a cerca deste conceito. ✓

Em relação à questão referente ao caráter inato, Freud relata que esta ideia se encaixa mais no grupo dos invertidos absolutos, pois estes não demonstraram, ao longo de suas experiências, outra orientação para a sua pulsão sexual. No que diz respeito às outras duas categorias, o autor não acredita que o caráter inato tenha sentido, especialmente no caso dos invertidos ocasionais, ou seja, ele conclui que há uma série de casos em que a concepção do caráter inato explicaria a origem da homossexualidade, enquanto em vários outros, outra coisa pode ter influenciado na Inversão. ✓

Em suas reflexões, Freud aponta que haveria uma concepção alternativa que seria a aquisição da Inversão pela pulsão sexual. Sendo esta alternativa uma hipótese, o autor considera que:

“na vida de muitos invertidos (absolutos) pode-se demonstrar a influência de uma impressão sexual prematura cuja consequência duradoura é representada pela inclinação homossexual. Na vida de muitos outros é possível indicar as influências externas favorecedoras e inibidoras que levaram, em época mais prematura ou mais tardia, à fixação da inversão (relacionamentos exclusivos com o mesmo sexo, companheirismo na guerra, detenção em presídios, os riscos da relação heterossexual, celibato, fraqueza sexual, etc). A inversão pode ser eliminada por sugestão hipnótica, o que seria assombroso numa característica inata” (FREUD, 1905, p.132 e 133)

Assim, a partir desta passagem, podemos notar a ideia de fixação em uma orientação homossexual da pulsão sexual. É evidente que se pensarmos dessa forma, a concepção de caráter inato não pode ser considerada. Outro aspecto que Freud denota é na questão da experiência infantil que pode mostrar indícios do que foi determinante para a orientação da libido. Essa

vivência não se preserva de forma clara nas lembranças da consciência da pessoa, no entanto, é viável um retorno às lembranças através da mediação de uma influência apropriada, isto é, uma análise. De alguma maneira, Freud não se prende no que pode ter influenciado na Inversão, até mesmo considerando as circunstâncias externas da vida. No entanto, uma questão que Freud mesmo impõe é que, muitas pessoas, na infância, também tiveram as mesmas influências sexuais, e mesmo assim, não se tornam homossexuais. Portanto, Freud conclui que tanto a concepção de caráter inato, como a concepção alternativa de aquisição posterior, são incompletas. ✓

Freud ainda utiliza outro recurso para tentar explicar a homossexualidade, que seria a bissexualidade. O autor inicia o seu relato discutindo a questão do hermafroditismo. A opinião popular atribui ao ser humano, a condição de ser homem ou ser mulher. No entanto, o hermafroditismo ajuda, segundo ele, a compreender o desenvolvimento dito normal da sexualidade, já que o chamado hermafroditismo anatômico constitui a norma, ou seja, Freud quis dizer que no corpo do ser humano, não faltam vestígios do aparelho sexual do gênero oposto, mesmo que estes não tenham nenhuma função ou que se transformaram para exercerem outras funções. Sendo assim, *“a concepção resultante desses fatos anatômicos conhecidos de longa data é a uma predisposição originariamente bissexual, que no curso do desenvolvimento, vai se transformando em monossexualidade, com resíduos ínfimos do sexo atrofiado”* (FREUD, 1905, p.134). O autor ainda complementa relatando que esta concepção de bissexualidade foi revelada por um representante dos invertidos masculinos, com a célebre frase: *“um cérebro feminino num corpo masculino”*. Nas entrevistas que realizei, houve um entrevistado que mencionou essa questão de se sentir feminino em um corpo masculino, a partir de uma pergunta relacionada à sua identidade: ✓

Talvez você não tenha cedido em assumir uma identidade que ela (sua ex-namorada) estava cobrando, no sentido de provar que sou heterossexual...

Ricardo: *Pelo menos eu, não posso generalizar... Mas como homossexual namorando com ela... Eu tenho a alma feminina, não sei se todos os homossexuais têm... Então, nessas pequenas coisas do dia a dia, como assistir um filme... De se comover como uma mulher... E no dia a dia, ela percebe isso... Ela achava: “ai que lindo, você chora, não sei o quê, ai que bonito...” Não tô generalizando, mas para mim é por causa do meu lado feminino. Acredito que isso gerava umas questões nela, com certeza, devia conversar com a mãe sobre isso.*

Freud (1905) conclui a sua reflexão sobre a relação entre Inversão e bissexualidade dizendo que de alguma maneira, há certa disposição bissexual implicada na homossexualidade, ✓

mas que, naquele momento, o autor ainda não havia conseguido explicar em que consiste tal disposição, além das perturbações que influenciam o desenvolvimento da pulsão sexual. Dr. Ardui (1900) (*apud* Freud, 1905), sustenta a hipótese de que “*em todo ser humano existem elementos masculinos e femininos, só que se tratando de pessoas heterossexuais e conforme o sexo a que pertençam, uns se desenvolveram com força incomparavelmente maior do que os outros...*” Um outro teórico, Herman (*apud* Freud, 1905) complementa: “*em toda mulher estão contidos germes e atributos masculinos, e em todo homem, femininos*”. (p.136)

No que diz respeito ao objeto sexual dos invertidos, Freud aponta que é natural pressupormos que o homem invertido desejaria, como uma mulher, os atributos de um corpo masculino, além de se sentir como uma mulher que busca um homem. No entanto, apesar de realmente isso ocorrer em muitos casos, não podemos considerar que seja universal para todos os invertidos, pois existe um grupo significativo de homossexuais que permanecem com traços que demonstram um caráter psíquico viril, não apresentando um jeito afeminado de ser. Talvez, ocorra a busca no seu objeto sexual de traços psíquicos mais femininos. Freud exemplifica com a histórica grega, conforme já visto no capítulo 1, que os homens que apresentavam uma grande virilidade e se revelavam invertidos, na medida em que introduziam os mais jovens a vida adulta, apreciavam as qualidades femininas de seus parceiros, tais como a timidez, o recato, sua aparência mais afeminada, necessidade de assistência, etc. Quando este se tornava mais adulto, acabava deixando de ser objeto sexual, muitas vezes tornando-se um amante para os mais novatos.

Em uma nota de rodapé, acrescentada em 1910, Freud comenta que a Psicanálise, até aquele momento, não havia conseguido esclarecer completamente sobre a origem da Inversão. No entanto, contribuiu no entendimento do mecanismo psíquico de sua formação. Ele observou que os invertidos atravessaram nos seus primeiros anos de vida, um período intenso, mas não muito longo fixados na figura da mulher (na maioria das vezes, na própria mãe). Todavia, após uma separação, os invertidos acabaram se identificando com a mulher e, conseqüentemente, tornaram a si mesmos como objetos sexuais, isto é, buscaram homens parecidos consigo aos quais devem amar como sua mãe os amou. Freud ainda complementa afirmando que os invertidos não eram insensíveis aos encantos de uma mulher, porém “colocavam” tal desejo para um objeto masculino a excitação despertada pelo feminino: “*sua aspiração compulsiva ao homem mostrava-se condicionada a sua fuga incessante da mulher*”. (FREUD, 1905, p.137, nota de rodapé).

Outra reflexão interessante diz respeito ao erro de separarmos os homossexuais das outras pessoas, como um grupo diferente, pois a investigação psicanalítica constata que todas as pessoas poderiam escolher um objeto homossexual e a concretizarem no inconsciente:

“A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos femininos e masculinos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. A conduta sexual definitiva só se decide depois da puberdade e resulta de uma série de fatores ainda inabarcáveis, de natureza em parte constitucional e em parte accidental.” (FREUD, 1905, p.138, nota de rodapé).

Outro aspecto no desenvolvimento da pulsão sexual que deve ser considerado, de acordo com a teoria psicanalítica, a presença das funções de ambos os pais, visto que a falta de um pai forte na infância pode favorecer a Inversão.

No que diz respeito ao termo mais apropriado, Freud censura radicalmente o termo *homossexualismo*, sugerindo o termo o termo “homo-erotismo”. Ferenczi complementa, dividindo o termo em duas categorias distintas: “homo-eróticos quanto ao sujeito”, um termo que se refere àqueles que se sentem como mulheres e se comportam de forma feminina, e “homo-eróticos quanto ao objeto”, que se afirmam em uma posição masculina, trocando somente o objeto feminino por um objeto de mesmo gênero sexual.

A partir da leitura da obra freudiana, podemos concluir que a homossexualidade, assim como a heterossexualidade são destinos da pulsão sexual ligados ao desenvolvimento psicosssexual de cada indivíduo. Em uma carta de Freud, escrita em 1935, a uma mãe americana que solicita seus conselhos sobre seu filho homossexual, o autor comenta: “*A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual*” (JONES, 1979, p. 739).

Esta reflexão sobre a ideia da Psicanálise em relação à homossexualidade é importante para nos amparar na fundamentação e compreensão da experiência dos sujeitos que se reconhecem como homossexuais. No próximo capítulo, os relatos colhidos a partir das entrevistas realizadas serão analisados a fim de se realizar esta articulação, entre a Psicanálise e as Histórias de Vidas verbalizadas pelos sujeitos.

Capítulo 3: Histórias de Vida de Homossexuais.

3.1 Sobre a metodologia História de Vida

Para a produção deste trabalho, realizei entrevistas abertas com duas pessoas que se assumem homossexuais e que são do gênero masculino. As entrevistas aconteceram em dias e locais diferentes. As questões não foram similares, no entanto, tinham o mesmo objetivo: de investigar as experiências de cada um a cerca do seu processo de reconhecer-se como homossexual, desde a infância, até os dias atuais, passando também pela fase adolescente. A metodologia que utilizei foi a chamada História de Vida.

Podemos considerar este trabalho como uma investigação qualitativa, pois houve a escuta e o acolhimento de informações que envolvem valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões que dizem respeito aos processos mais particulares e singulares dos sujeitos. “*A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem é condição essencial para o seu desenvolvimento*”. (PAULILO, 1999, p.135) Ou seja, há a recomendação de uso desta metodologia para se chegar às intenções e motivos, nos quais as relações, ações comentadas adquirem um sentido, um significado.

As principais características deste tipo de metodologia são: imersão do pesquisador na pesquisa, de acordo com o contexto e as circunstâncias existentes; sensibilidade aos sentimentos, às emoções e aos sentidos do discurso produzido pelo entrevistado; reconhecimento do entrevistado como um ator social, sujeito que produz conhecimentos e práticas; consideração dos resultados como produto da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado; aceitação incondicional de todas as informações como significativas e importantes para a pesquisa; atenção à fala, ao silêncio, às revelações e que está oculto, à continuidade e ruptura, ao significado manifesto e ao que permanece oculto. (CHIZOTTI, 1991 *apud in* PAULILO, 1999, p.136).

A metodologia História de Vida considera a história oral como fonte importante para a produção de conhecimentos, de significados, além de ser uma via para se ter contato com a subjetividade, a imaginação e o simbolismo dos entrevistados.

Existem várias técnicas de coleta e análise de dados na abordagem qualitativa, e a História de Vida acaba ocupando um lugar de destaque, visto que através dela, existe a possibilidade de se captar o que ocorre na relação entre o individual e o social, permitindo que informações que são do presente tragam traços do que ocorreu no passado, da história de vida do sujeito. SOARES

apud in PAULILO (1994) afirma que: “*somente a posteriori podem-se imputar, aos retalhos caóticos de vivência, as conexões de sentido que os convertem em ‘experiência’*”. (p.138)

Outra função do sujeito que tem extrema importância para um bom aproveitamento da metodologia utilizada é a memória. Assim, a seletividade está presente no discurso do entrevistado, isto é, este acaba focalizando mais alguns conteúdos, enquanto outros acabam sendo afastados. BOSI (1994) *apud in* PAULILO (1999) reflete de forma brilhante, quando diz que o que importa no uso deste tipo de abordagem é a narrativa da vida de cada um, o modo como o sujeito a reconstrói e de como ele pretende que sua vida seja narrada.

A metodologia História de Vida pode incluir tanto entrevistas como biografias, depoimentos etc. Outro aspecto curioso refere-se ao fato de que, embora seja o pesquisador a escolher o tema, a elaborar as questões, é o entrevistado que decide o que vai contar. Geralmente a história de vida é extraída de uma ou mais entrevistas realizadas nas quais o pesquisador tenta estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado. (THIOLLENT, 1982 *apud in* PAULILO, 1999. p.139)

Com relação às entrevistas, podemos considerá-las como um encontro social, no qual devem estar presentes a empatia, a intuição e a imaginação. Assim, ocorre a possibilidade de que haja a troca de percepções, de sentimentos e emoções entre entrevistador e entrevistado. Consequentemente, há a produção de conhecimentos e sentidos.

3.2 Conversando sobre a homossexualidade.

Para a elaboração deste trabalho, realizei duas entrevistas abertas com duas pessoas do gênero masculino que se reconhecem como homossexuais. Escolhi os dois por se mostrarem solícitos em participar deste trabalho, contribuindo no que fosse possível para a coleta de informações.

A primeira entrevista foi realizada no dia 23 de setembro de 2010, por volta das 20 horas em uma lanchonete localizada no Centro da cidade. O local foi escolhido em um acordo com o entrevistado, já que achamos que neste horário não haveria muita movimentação e muito barulho, o que facilitaria a gravação do nosso diálogo. Durou cerca de meia hora. Tentei promover um clima acolhedor, já que o entrevistado estava com receio de fornecer alguns dados pessoais. Garanti o sigilo, modificando os nomes mencionados e omitindo alguns nomes de lugares (como o do seu trabalho) para não possibilitar a identificação do mesmo por possíveis leitores da minha monografia. Outro ponto do acordo que lhe garanti foi a sua aprovação do texto sobre a entrevista

antes da publicação na monografia, com o objetivo de assegurar o sigilo e também uma segurança ao entrevistado. Mediante essas combinações, a entrevista ocorreu maravilhosamente bem, com uma riqueza de informações interessantes. Algumas foram novas para mim, outras já eram previsíveis. Como o entrevistado era alguém que eu tenho uma relação mais próxima, não foi difícil ele se sentir confortável e seguro para expor a sua intimidade para mim. Ao final, a conclusão que tivemos que esta entrevista foi uma experiência significativa para ambas as partes. Para mim foi marcante para conhecer um mundo mais subjetivo do “assumir-se homossexual” e de também ter ajudado o entrevistado a refletir sobre algumas questões que ele ainda não tinha tido a oportunidade de pensar e falar sobre com alguma pessoa. Para o entrevistado, segundo a sua própria fala, foi marcante por ter sido a primeira vez que tinha participado de uma atividade acadêmica na qual tinha que ser entrevistado. Ele disse que se surpreendeu por se abrir tanto e com facilidade, já que se considera uma pessoa mais introvertida. Foi uma entrevista aberta na qual o entrevistado ajudou a direcioná-la. Após a transcrição da entrevista, este entrevistado me pediu que fossem retiradas algumas respostas, pois se sentiu exposto e ficou com receio. Conforme solicitado, eu retirei as partes que o incomodaram, mas isso não comprometeu a análise de sua história.

A segunda entrevista foi realizada no dia 08 de outubro de 2010, em um bar no Centro do Rio de Janeiro, por volta das 21 horas. O local escolhido partiu do entrevistado, visto que seria mais fácil não haver intromissões de outras pessoas, além de poder saborear um bom petisco acompanhado de um chopp gelado. Esta entrevista durou menos que a anterior, cerca de 20 minutos, pois o entrevistado foi mais objetivo em suas respostas. Foi uma entrevista aberta, ou seja, as perguntas foram sendo formuladas no momento que a entrevista ia dando continuidade. Antes de iniciar, expliquei ao entrevistado quais eram os objetivos da minha monografia, além da garantia do sigilo e das modificações dos nomes citados. Também garanti o retorno do trabalho, no sentido do entrevistado ter acesso à entrevista digitada antes da publicação, além da monografia finalizada.

Mais uma vez, a entrevista foi bem sucedida, não havendo muitas dificuldades no seu percurso. Foi interessante que percebi que algumas respostas se contrapõem às respostas do entrevistado número 1, o que demonstra uma diferença nas experiências relacionadas ao assumir-se homossexual. O entrevistado não se sentiu nem um pouco inibido e até deu sugestões para a continuidade do trabalho, tais como entrevistar uma homossexual, investigar sobre os ambientes que frequentam, etc. No entanto, creio que não será possível em virtude do tempo que disponho para escrever e pesquisar sobre.

Ao primeiro entrevistado dei o nome de Ricardo¹. Tem 26 anos, já concluiu o Ensino Superior e trabalha em uma grande multinacional. É “casado” há alguns meses com seu companheiro. Considera-se casado porque eles começaram a morar junto após um período de namoro. Já teve outros namoros com meninas, mas garante que atualmente não há possibilidade de se envolver novamente com mulheres.

Ao segundo entrevistado dei o nome de Marcello¹, que possui 21 anos e mora num bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Faz faculdade, já é trainee de uma grande empresa e mora com a mãe. É filho de pais divorciados e tem irmãos por parte de pai. Atualmente namora um outro rapaz, alguns anos mais velho. Não tem vergonha por ser homossexual e falou tranquilamente sobre o tema. Nunca namorou meninas, apesar de já ter “ficado” com algumas.

Para a análise dessas entrevistas, priorizei alguns critérios, como o discurso propriamente verbalizado pelo entrevistado, ou seja, as informações declaradas pelos sujeitos e o discurso não-dito, isto é, tudo o que pude captar que não foi declarado verbalmente pelo entrevistado, mas que pude perceber através da observação e da posterior escuta da entrevista, tais como os sentimentos, afetos e contradições presentes nas respostas, que inevitavelmente revela o caráter qualitativo dos dados colhidos.

Em relação ao discurso propriamente verbalizado pelos entrevistados, defini algumas categorias que demonstram o conteúdo mencionado nos relatos. Algumas estão presentes em ambas as entrevistas, outras não. O que pude captar no que diz respeito ao não dito será comentado juntamente com a análise do discurso verbalizado.

A primeira categoria que identifiquei foi a infância. Realizei perguntas referentes às suas memórias infantis, com o intuito de resgatar algumas lembranças, além dos sentimentos presentes nas experiências vivenciadas anteriormente. Porém, houve perguntas que realizei com outros propósitos, mas que esta categoria foi a que se prevaleceu.

Na entrevista 1, com Ricardo, as perguntas que revelaram a categoria “infância” nas respostas foram as seguintes:

Como é se descobrir gay?

Ricardo: *Você cresce aprendendo que é errado, que é isso que é aquilo... Eu lembro quando era criança... Não sei, não entendia nada. Você já sabe desde quando nasce ².*

¹ Nomes fictícios.

² Grifo meu.

Você já sabe desde quando nasce?

Ricardo: Você já tem desejos¹. É como quando você vê um homem bonito e você acha interessante. É a mesma coisa. Quando eu era criança, ia com a minha mãe ao salão de beleza. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Eu lembro que eu olhava as revistas e via os homens e achava bonito. Eu não entendia o que tava acontecendo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Mas achava bonito. Eu lembro uma vez também que eu vi o Sergio Malandro na televisão. Tava passando o programa dele... Olha só! Tá tão natural na gente! Ai eu falei com a minha mãe: "Nossa, como ele tá bonito hoje!". Olha só, eu tinha essa idade mais ou menos. Ai minha mãe falou: "Tá, mas Ricardo, você não pode achar homem bonito não, não pode falar isso não". Ai você já começa a aprender esse negócio que não pode agir desse jeito. Já começa a aprender que tá errado. Ai você já vai se cortando.

Você sofria muito com isso, no sentido de que o desejo era mais forte e as pessoas iam reprimindo?

Ricardo: Não. Porque quando você é criança, você não tem esse lance, não tem essa questão formada. Você vai vivendo, né... Criança quer mais é brincar, você sente prazer, você é negado¹. Mas isso não vira uma questão tão grande porque ainda não é adolescente. Não chegou aos 16 anos, não é uma questão existencial. Então, você vai levando. Essa é a questão. As pessoas vão chegando nessa idade e vão escondendo. Porque elas não se acostumam nessa vida. É complicado, Isabela. Ai vai, vai aprendendo que é errado... Agora, a minha adolescência foi um inferno. Já na parte que você vai criando consciência...

Então são comportamentos, ações que são considerados heterossexuais, que afirmam a masculinidade...

Ricardo: Pois é... Não tinha nenhuma paixão nenhum interesse por isso. Então eu tinha que assistir as conversas e era aquela tensão, aquele medo de sair e de chamar atenção¹. Aquele medo da pessoa perceber e perguntar alguma pra mim. Nossa sempre foi horrível. E aí por mais que a gente queira esconder, a gente mostra. Porque é a nossa natureza¹, o nosso jeito de andar, de falar... Ai criança daquele jeito vai e te zoa. E você se sente mal.

A partir destas respostas, é possível perceber que a concepção de Ricardo no que se refere a sua sexualidade está associada à ideia dos desejos, que existem desde quando criança. Outro aspecto que me chamou a atenção foi o fato de que, quando os adultos ou outras crianças percebem essa "diferença" com relação à orientação do desejo, tentam reprimir e impor o padrão de comportamento privilegiado pela cultura. Sua infância foi marcada pela tensão e pelos medos provenientes da cobrança das suas relações sociais em se comportar como homem. Até nas brincadeiras, essa cobrança, segundo seu discurso era um momento de tensão, pois em muitas vezes, os seus gostos não eram compatíveis com o da maioria. Acredito que a sua concepção de

¹ Grifos meus.

homossexualidade também esteja ligada a uma concepção biológica, que remete a uma representação negativa/depreciativa, no sentido de que, talvez, haja uma crença, por parte do entrevistado, de que a homossexualidade possua uma natureza diferente, que não seja normal, em relação às pessoas que se declaram heterossexuais. Apesar do entrevistado, ter afirmado, no decorrer da entrevista, que se reconhecer como homossexuais tenha mais vantagens do que perdas, talvez no seu inconsciente, haja uma crença carregada pelo padrão normalidade X anormalidade que está impregnada na nossa sociedade. A justificativa que ele utiliza (*porque é a nossa natureza*) aparece em diversos momentos da entrevista.

O segundo entrevistado demonstrou, pelo menos em seu discurso, uma experiência infantil menos tensa do que o primeiro entrevistado. Nas suas lembranças, existe um conflito no que tange às brincadeiras e apesar de, em alguns momentos, ter sido cobrado para ter uma postura mais “homem”, nunca sentiu um medo significativo ou uma tensão que marcasse fortemente a sua memória. Um fato que esteve presente nos dois discursos foi em relação ao não entendimento sobre o que acontecia, isto é, nas situações em que havia uma forte cobrança em um determinado comportamento (ou se comportar que nem homem, ou não se comportar de um jeito mais afeminado), na fase infantil, ainda não estava presente a identificação com a homossexualidade.

Como eram as suas relações, como por exemplo, na escola e no prédio?

Marcello: *Escola não, escola eu nunca tive nenhum tipo de problema. No prédio, tinha mais esse negócio de “bichinha para cá, bichinha para lá”, mas nunca fui excluído da sociedade.*

Então você disse que no prédio onde mora você sofreu mais do que na escola. Como foi esse sofrimento?

Marcello: *Não, nunca foi um sofrimento ¹. Era mais época de briga na qual eu estava. Acho que eu nunca fui discriminado, jogado de lado. Até porque depois muita gente era também no prédio. Na escola, eu sempre fui muito “popzinho”. Sempre tive muitos amiguinhos, então isso nunca foi um problema ¹.*

Mas como era quando as pessoas faziam esses xingamentos? Como você se sentia, reagia, você ficava natural ou se incomodava com alguma coisa?

Marcello: *Ah, a gente fica triste, porque a gente nunca quer ser xingado, excluído. Excluído não, porque eu nunca fui, mas a gente não quer ser oprimido pela sociedade ¹. Nunca foi um problema do tipo “ai eu vou morrer por causa disso”, criança né, a gente é xingado e cinco minutos depois tá rindo de novo.*

¹ Grifos meus.

Mas você entendia o porquê de ser xingado desta maneira, você percebia alguma coisa diferente ou você achava normal? Não se perguntava: “por que não xingam assim as outras pessoas”?

Marcello: *Olha, entender a gente nunca entende ¹. Sei lá, é coisa de criança, uma parada que teu melhor amigo te xinga agora e logo depois já está brincando. Acho que eu nunca me senti o mundo é contra mim, acho que nunca foi assim não.*

O segundo entrevistado me pareceu demonstrar certa naturalidade no que remete às suas lembranças infantis, ou seja, eu não senti muitos afetos presentes, diferente do primeiro entrevistado. No entanto, percebi uma espécie de “ato falho” ² em seu discurso, no instante em que responde a pergunta referente aos xingamentos. A todo o momento, ele relata que não se sente excluído ou possui algum sentimento negativo no que diz respeito às suas lembranças, todavia ele fala que se sente excluído, e logo depois, corrige. As palavras que utiliza para fazer essa correção possuem um sentido de medo de não ser incluído, o que talvez possa nos fazer pensar, que de alguma forma, mesmo que sutilmente, existe um receio de ser excluído. Isso faz um sentido, visto que este entrevistado é uma pessoa extrovertida e possui uma grande quantidade de amigos.

Freud (1930), em seu clássico texto “O mal-estar da civilização” afirmou que o sofrimento no ser humano o ameaça a partir de três possibilidades: da decadência do próprio corpo, que está fadado a se transformar e sofrer perdas, do mundo exterior, através das forças naturais, que podem ser impiedosas, e da relação com os outros homens. A partir das entrevistas, é interessante se analisar o sofrimento dos entrevistados é oriundo do relacionamento humano, que talvez seja o tipo de sofrimento que cause mais dor, visto que surge desde a infância, diferente dos outros dois, que aparecem ao longo da vida do adulto, a partir do momento que vai construindo uma consciência dos outros perigos.

Em relação ao que foi dito pelos dois entrevistados, há uma mudança significativa que ocorre entre a infância e a adolescência. Na infância, apesar da falta de entendimento sobre certas vivências e desejos que já estavam presentes, na adolescência ocorre o que os entrevistados chamaram de “tomada de consciência”, que seria o entendimento sobre a orientação de sua sexualidade e a decisão de assumir diante dos seus grupos sociais. A adolescência foi a minha segunda categoria definida.

¹ Grifos meus.

² Para Freud, o ato falho era um sintoma que revela um traço do inconsciente, através de um equívoco na fala.

Com quantos anos, aproximadamente, que você foi criando essa consciência?

Ricardo: *Pô, eu não sei te precisar não. Mas sei lá, uns 13 ou 14 anos. Engraçado, você lembra de eu ter namorado a Renata ¹ não lembra? Namorei ela...*

Então, eu concordei e completei dizendo que foi a sua primeira namorada e que todo mundo a disputava.

Ricardo: *Aham. Eu sentia uma coisa por ela. Olha que coisa doida, esse lance da cultura. Mãe e pai, seus amigos vão ensinando que é errado, ahh "viadinho, não sei o que... Ai você começa a viver uma coisa que não é você" ¹. Olha só, eu me apaixonei por ela, gostei dela mesmo... Depois a gente terminou, não vem ao caso, fiquei até meio mal na época. Mas só para te mostrar que a gente se envolve e não percebe. É uma coisa doida, você não percebe, vai te tomando por inteiro...*

Mas por exemplo, em festa e outros ambientes? Havia uma pressão para conhecer meninas?

Ricardo: *Ótimo, eu tinha esquecido. Você percebeu que eu não acompanhava vocês em bailes e discotecas, nada. Eu posso contar nos dedos às vezes que fui. Acho que fui uma vez com você. E foi uma tensão horrível, horrível. Era um medo desgraçado. Medo de alguma mulher olhar para mim, se interessar ¹. Lembro de uma cena em que nós dois... Não entendi o que aconteceu, talvez você saiba. Eu, você, Luisa ² e Mariana ²... E aí a Luisa foi dançar comigo, sensualmente... Não sei se você se lembra disso. Eu fiquei muito tenso, pensando, será que ela tá afim de mim. Porque eu não ia dar conta. Ao mesmo tempo querendo fugir, mas não podendo fugir por causa da cobrança. Eu lembro que olhei para Mariana e ela assim para ela, investe, sei lá. Só que a Luisa sentiu que eu não tava correspondendo e parou. Isso também me faz sentir mal também, muito esquisito. Fui embora pensando nisso, porque você não consegue? ¹ Você quer lutar contra o inevitável. Quando chegou a internet, entrava em muitos sites gays, sempre com aquele medo da família ver...*

Nas respostas de Ricardo, mais uma vez, a tensão é bastante presente. Até no modo de responder (principalmente no que se refere ao tom de voz) percebe-se como foi sofrido as experiências juvenis que demandavam um posicionamento de sua sexualidade. Nesta fase, a confusão era evidente, visto que ele até tentava se comportar com atitudes que refletem a heterossexualidade, mas seus desejos respondiam em uma direção diferenciada. Ele focalizou bastante o fato de que seus familiares e amigos reprimiam qualquer manifestação que não estivesse de acordo com o padrão estipulado, o que refletia no surgimento de sentimentos que o levavam a mais confusão, como o medo e a culpa.

Já o segundo entrevistado apresentou um discurso que não me remeteu a uma experiência

¹ Grifos meus.

² Nomes fictícios.

mais densa no que tange ao sofrimento. É claro que a confusão esteve presente, mas nada que o levasse a uma preocupação exacerbada.

Bom, chegando à adolescência, já que na infância você disse que não se dava muito conta disso, as pessoas te xingavam achava normal e depois ficava tudo bem. E na adolescência, como é que foi? As pessoas ficavam comentando, como você reagiu? Isso se tornou uma questão, você se percebia diferente?

Marcello: *Olha, na adolescência, acho que sumiu. Pelo menos os xingamentos, acho que eles desaparecem, afinal as pessoas amadurecem. Acho que não tinha ninguém mais xingando na minha frente. E pelas costas, pode ser que tenha, a pessoa com mais intimidade poderia ter comentado alguma coisa com outra pessoa. Na escola, acho que a mesma coisa, acho que nunca mudou nada. Eu mudei de escola e sempre estive no meio da galera. Então, também, na frente, nunca tive nenhum problema¹. Comentários, nunca chegaram até a mim, então eu também não sei. No prédio também podem ter comentado, mas eu não sei a que nível.*

Quando foi o momento que você sentiu que o seu desejo era diferenciado da maioria das outras pessoas? Quando você percebeu que o seu desejo era voltado mais para o lado “homo” e não para o lado “hetero”? Quando percebeu isso e como é que você se sentia?

Marcello: *Cara, acho que a gente percebe desde sempre. Isso é uma coisa assim... Eu nunca tive atração por menina. Eu nunca tive “ai, eu quero namorar fulana”. Saía com os amiguinhos para a matinê e nunca tinha interesse de ficar com as meninas. Quando fica mais nítido e a gente pensa: “hum que delícia, quero esse” é uma transição que ocorreu, para mim, aos 14, 15 anos, foi quando comecei a ter os meus “peguetes”¹.*

Mas como você se sentia nessa época, pois você saía muito desde cedo, de ir nas festas e talvez tinha que assumir uma postura frente aos seus amigos. Como é que era isso, já que percebia um desejo diferente do deles. Tentava passar uma imagem de “hetero”, assumindo um perfil, conhecia uma menina só para mostrar para eles, ou não você ficava na sua e ninguém comentava, como é que era isso?

Marcello: *Ai acho que foi uma fase confusa, tipo eu comecei a sair para night mesmo de chegar às 5 da manhã por volta dos 14 anos. Fiquei com meninas, fiquei, não vou mentir. Mas acho que foi mais pela confusão do que para mostrar para os meus amigos que sou pegador¹. Até porque enquanto eles pegavam 25 eu ainda tava na segunda ainda. Tem micareta que extrapolava um pouquinho, mas micareta todo mundo é de todo mundo. Nunca pensei: “ai vou pegar aquela mulher para mostrar aos meus amigos que eu sou o macho da parada”. Quando eu pegava alguém, uma menina era porque acontecia. Nunca foi para me mostrar para fulano. Também quando não pegava alguém, saía esculachando a porra da festa. Nunca precisei mostrar para ninguém. Eu ficava tranquilo. Quando eu ficava com uma menina, era mais pela confusão da idade¹.*

¹ Grifos meus.

O que pude concluir em relação à adolescência, é que existe uma confusão natural da idade, na qual há uma mistura de comportamentos infantis com comportamentos mais adultos. Nesta fase, há uma maior preocupação no que os outros vão pensar e comentar. Acredito isto seja comum, independente da orientação sexual, no entanto, há uma preocupação com os comentários das pessoas a cerca da sexualidade, com a possibilidade de serem julgados e da cobrança de exercerem uma postura mais masculina. Os dois entrevistados comentaram sobre isso em suas respostas, sendo que o primeiro entrevistado me pareceu com uma preocupação maior, que gerava mais tensão, do que o segundo.

Para aqueles que se reconhecem como homossexuais, pelo menos a partir das respostas apresentadas, a adolescência representa o início do processo de reconhecer-se como homossexual. É claro que este processo varia, ou seja, é um processo singular, no qual cada um vai vivenciando e simbolizando tais experiências de modo muito particular. Algumas pessoas têm mais facilidade para se reconhecerem e assumirem frente aos seus grupos sociais, enquanto que outras pessoas têm mais dificuldade, muitas vezes, não reconhecendo a direção de seus desejos, o que acaba interferindo na sua própria identidade.

Em relação aos dois entrevistados, é nítido que Ricardo passou por um processo mais demorado de reconhecer-se como homossexual, o que gerou um conflito que ele mesmo denominou de “existencial”. Já Marcello, apesar da confusão e do medo, teve um processo menos duradouro, o que, de alguma forma, lhe gerou menos questões e menos tensão. Então, a terceira categoria que identifiquei para a análise foi o processo de reconhecer-se, isto é, as experiências marcantes que levaram a estes sujeitos a posicionarem sua sexualidade de modo divergente ao padrão estipulado pela sociedade, o que representa a aceitação da orientação das suas pulsões sexuais. Para se chegar a este momento de reconhecimento, há uma intensificação de experiências que revelam sentimentos como o medo e a culpa por se ter esses desejos, além da confusão que reflete na sua própria identidade.

Afirmar para ele para ver se concordava que esta relação (com a primeira namorada) foi algo que surgiu a partir do desejo e não simplesmente para mostrar para os outros que era heterossexual.

Ricardo: *É... Uma questão do desejo. Justamente, como te falei, quando criança a gente não tem essas questões formadas. Já a outra foi essa questão de namorar para se esconder¹. A Renata não porque namorei quando criança e ainda esse negócio que a gente não tem nada*

¹ Grifos meus.

formado, então você consome, aceita. Já a Michelle não... Com a Michelle eu já tinha uma identificação. Precisava em me apoiar em alguém¹ ...*

Pode-se perceber que a relação que Ricardo estabeleceu com a primeira namorada, ainda não havia “tomado a consciência” de sua orientação sexual, o que o levou, a de fato, sentir que sua pulsão sexual estava direcionada a um objeto de gênero diferente do seu. Ele atribui essa questão, novamente, pela forte influência dos seus familiares e amigos. No entanto, quando estabelece um relacionamento com uma segunda namorada, em um momento posterior, já consciente da orientação da sua pulsão, ele claramente tem o objetivo de namorar para ter segurança e demonstrar aos outros uma imagem coerente ao que cobravam.

Ainda mais com os amigos e a família cobrando, certo?

***Ricardo:** É. Comecei a namorar ela... Bonita, tinha um rosto bonito pra caramba. Ai aquilo me dava um certo status. Por mais que você saiba que as pessoas estão te olhando... Ele é gay... Mas você acredita, você alimenta isso em você, estou com ela, então estou acima de qualquer suspeita¹.*

A internet, para a nossa época foi um facilitador. Era uma forma de você ter contato com esse mundo. É só você e o computador sem ninguém ficar sabendo...

***Ricardo:** Foi uma coisa nova ver aqueles homens, aquelas fotos, vídeos... Foi ótimo, mas você se sente culpado¹. Você sente que tá fazendo uma coisa errada. Você fica achando que vai vim alguém, se não vai vim, é esquisito. Ai vou te contar uma coisa que acho que nunca te contei. Mas eu vivi sob o pseudônimo mais longo da minha vida. Eu vivi uma garota chamada Brenda. Eu tive um grupo de amigos de São Paulo de internet por causa do “anime”. Uma amiga deles que não diretamente se relacionou comigo era muito bonita, então peguei a foto dela e coloquei em um MSN que eu fiz, para adicionar caras e conversar em bate-papos da vida. Eu vivi essa garota por mais de um ano, quase dois anos. Era Brenda o nome dela. Isabela, juro para você, tinha horas que eu tinha que parar e pensar: “eu não sou a Brenda, eu sou o Ricardo, que loucura”¹. Eu ficava horas no MSN dela. Você pensava e você ignorava para não ficar maluco. “Ah, dane-se vou ficar olhando esses homens”. Tem homem que sabe que não é uma mulher que tá ali, tem alguns indícios, ele tá mostrando um vídeo e a mulher apenas uma foto estática, não mostra um vídeo. Mas ele ignora aquilo, ele sente prazer em ser visto por homem.*

Era como você vivesse outra identidade só que estava se misturando com a sua própria identidade. E aí, vivia a outra identidade ou a assumia como a sua própria identidade.

***Ricardo:** É, lá eu vivia o que eu queria¹, não convém dizer aqui o que ocorria.*

¹ Grifos meus.

* Nome fictício.

E aí você terminou o namoro e aí, como é que foi? Você continuou a ter experiência com meninas ou você resolveu: “não, é agora é hora de me reconhecer, de misturar Brenda com o Ricardo”?

Ricardo: *A Brenda morreu por causa de um caso particular de um garoto que descobriu que eu não era Brenda, que eu era Brendo. Ele me adicionou em outro MSN, enfim, fez uma jogada lá que fez eu cair direitinho. Ele fez outro MSN falou que era fulana, aí eu falei que gosto de pessoa não sei o quê, aí ele falou não era eu seu filho da puta, vou te caçar, vou te perseguir, vou descobrir teu endereço, vou te matar seu filho da puta. Isso me fez parar de vez. Eu fiquei com um medo danado. Ele disse: vou descobrir teu endereço pelo Hotmail, seu desgraçado! “Eu acho que não dá. Deus me livre! Foi assim que parei. O lance de se descobrir foi meio esquisito. Foi mais ou menos assim, literalmente: não sei onde eu tava e eu cheguei para mim e falei: não, eu sou gay. Foi meio isso¹. E aí, não sei te precisar quem foi a primeira pessoa que contei. Acho que foi a Carla². Sentei com ela no térreo e contei. Ela fez um: “ah” e achou normal e tal. E a partir daí foi um atrás do outro. Falei contigo, com a minha irmã, com a minha mãe... Ela ficou muito preocupada no início. Meu pai ficou sabendo porque o Luciano² foi lá em casa e tudo mais e ele começou a conviver lá em casa. Natural assim.*

É interessante evidenciar que Ricardo utilizou a internet como uma ferramenta na qual pudesse se expor mais genuinamente, mas que revelou ainda mais a divergência entre o que ele assumia, no que diz respeito a sua sexualidade, e o seu real caminho ao prazer. Esta experiência intensificou ainda mais o seu conflito interno, mas o ajudou a se autoconhecer, o que, inevitavelmente, favoreceu a sua tomada de consciência.

Conforme mencionado anteriormente, o segundo entrevistado possuiu um processo menos intenso em relação ao primeiro, porém com importantes momentos que denotam a singularidade de cada processo.

E quando você se deu conta que era homossexual, ou seja, disse para sim mesmo, eu sou gay, gosto de meninos e não de meninas.

Marcello: *Ah quando entendi, de fato... Acho que foi quando terminei a escola. Eu terminei cedo, com 16 anos. Acho que foi nessa época, nessa fase. Parei logo depois de pegar mulher, até porque surgiu o Lúcio^{1 2}. Foi nessa época mesmo. Acabou a escola e acabou essa coisa constrangida de pegar meninas².*

Como é que foi o dia que você se deu conta de que não é isso que eu quero para minha vida, eu quero isso, no sentido de assumir esse desejo, de me relacionar com homem independente de tudo que pode acontecer?

Marcello: *Acho que não foi um dia, foi uma fase, um período¹. Não foi um dia, do tipo, acordei e “ai vou me relacionar com homens”. Mas foi uma fase, você vai se conscientizando¹.*

¹ Grifos meus.

² Nomes fictícios.

Um dia, você sai e pega cinco meninas, depois quatro, depois três, depois duas, uma. Daí que você resolve que não vai ficar mais com mulher.

Bom, você falou que a sua adolescência, não teve tantos conflitos relacionados à sua sexualidade, até que foi tranquila, claro, teve alguns conflitos naturais da idade, mas nunca sofreu demasiadamente. Como foi o processo de assumir-se, como você se sentiu, como é que foi a reação da sua família e de seus principais amigos?

Marcello: *Ai, o processo de assumir-se foi um baque, um soco na cara. E não tinha com quem conversar. Eu precisava dividir isso com alguém, tirar um peso das minhas costas. E não foi uma coisa trabalhada na minha cabeça. Eu cheguei, preciso conversar com alguém pensei em alguém e disse, ai a pessoa vai ser essa. E é essa mesmo. Doa ou não, vou ter que conversar, porque tenho que tirar isso de mim e tenho que repartir com alguém...*

É possível verificar nestas respostas que há um momento em que a decisão é necessária, na qual a escolha de se assumir frente aos seus grupos sociais necessita de um compartilhar de informações com um outro para que a angústia se amenize. Nas respostas dos dois entrevistados é possível identificar uma angústia presente, uma espécie de sufocamento no período de confusão interna, que nos dois casos, teve como válvula de escape a confissão para alguém próximo. Nestes casos específicos, a confissão gerou uma segurança para assumir o desejo homossexual diante do mundo como um todo. É claro que não podemos generalizar este fato a todos os casos, visto que cada um passa por um processo diferente, estabelece contatos com diferentes pessoas, com diferentes crenças, etc. ✓

Outra categoria que identifiquei como importante no processo de se reconhecer como homossexual foi a família, já que esta, participa como um primeiro grande grupo social que ampara ou reprime os comportamentos dos seus membros que fogem do que é estipulado como “normal”. Nas duas entrevistas, houve uma facilidade em expor as questões referentes a esta categoria, apesar de que, posteriormente, Ricardo me pediu para fazer alguns cortes no que ele disse, visto que expôs alguns detalhes mais íntimos das suas relações familiares.

Se puder, fale um pouquinho mais sobre a sua família, porque acho que você falou muito rápido. Sua mãe aceitou bem?

Ricardo: *Minha mãe aceitou bem. Na verdade, no início, ela criou aquela resistência de: “o que que foi, o que você quer falar?” Querendo botar um medo, só que ela percebeu que eu não tinha mais medo. Eu sou e ponto final. Ela teve que me aceitar. Ela fez não negou de ser, mas ela ficou incomodada. “Poxa vou ficar sem netos, só seu irmão vai me dar”¹. Mas fora isso,*

¹ Nomes fictícios.

² Grifos meus.

não. A minha irmã, eu contei para ela no ônibus. Ela gritou alto: "você é gay"! Ela levou na boa, ficamos mais próximos. Entre mim e ela, nós temos um abismo de demonstrar afetos. Quando eu me assumir a gente se juntou completamente. Agora tá... Eu sabia que esse abismo ia voltar.

E o seu irmão?

Ricardo: *Eu contei meses depois, só que minha irmã disse que contou na semana seguinte. Nunca demonstrou nenhum preconceito. A gente brinca muito em relação a isso. No início eu achei que minha irmã era, mas conversei e ela diz que não. Eu não tenho que me meter em nada. A minha mãe aceitou, vem aceitando com ressalvas. O Luciano ² foi lá em casa... Ela sempre o tratou muito bem. Ela nem conhecia o Luciano. A gente ceiou no Natal de 2008 lá em casa. Natal não, ano novo. Minha mãe foi à praia de Copacabana e eu fui com ele. Ela nunca teve esse preconceito de tratar mal, só o medo, do que os outros vão achar ¹. Sempre é isso. Só que a primeira vez que ele foi dormir lá em casa, ela passou mal. Ai caiu a ficha caiu. Ela não conseguiu dormir, passou mal. Ela viu, o meu filho é gay.*

E o seu pai?

Ricardo: *Minha mãe ficou com medo, mas eu falei não vou ficar me escondendo. Ai minha mãe falou com ela na praia um dia, num domingo. Ai ele falou, fazer o que né.*

Mas você nunca falou com ele sobre isso?

Ricardo: *Não. Nunca conversei com ele. Minha mãe disse que ele falou fazer o que né. Eu nunca senti medo da rejeição do meu pai ¹. Primeiro que eu não tenho uma relação muito próxima com ele. Meu pai não tem nenhuma moral. Segundo que eu já tinha perdido o medo de tudo. E terceiro que a melhor amiga dele é lésbica, seria uma hipocrisia gigantesca! Trata o Lú bem, do jeito que ele trata bem, "oi, oi" fala assim. Mas na boa, ele pede favor para o Lú do trabalho dele...* ✓

E com relação a sua família em geral, as suas tias, suas primas...

Ricardo: *É claro que todo mundo já sabe, mas ninguém comenta ¹. A parte da minha mãe já é mais próxima. Por exemplo, a minha prima, Gisele* ela tem a minha mãe como mãe dela. A verdadeira mãe dela, que é minha tia, não a trata muito bem. Ela foi viver em Natal com o marido dela. Ela voltou agora com os filhos se separaram. Essa minha prima foi se descobrir lésbica lá em Natal teve relação com uma mulher e tudo mais. E quando ela veio para cá, encontrou alguém para falar sobre isso: eu! Ela não tinha ninguém para falar sobre isso. Quando falei de mim, pronto. Eu sabia que ela era, a família conta.. "Ai quero ir à boate, não sei o quê...". Tava querendo descobrir uma nova vida. Na parte da minha mãe, teve mais contato, as pessoas falam comigo numa boa. As pessoas mandam depoimento no Orkut: "Ai eu te apoio, estou com você".* ✓

Marcello: *Família, a pessoa que soube foi a minha mãe. É praticamente a única pessoa que sabe. Minha madrinha soube este final de semana. Minha mãe foi uma coisa muito mais*

¹ Grifos meus.

² Nome fictício.

trabalhada de fato, porque já vinha saindo para nights GLS, então surgia, de fato, um segundo namoradinho, e o relacionamento foi ficando sério, então, tinha que justificar as minhas saídas, meus finais de semana fora, meu tempo fora de casa, de alguma forma, e aí as formas de justificar isso foram se esgotando. Então, falei; “doendo ou não, vou ter que contar, liguei o foda-se bem vermelho em caixa alta”, sentei e conversei. A reação não foi das melhores. Hoje, é tudo de bom, não é aquela coisa tão perfeita, como eu gostaria que fosse, mas é tranquilo¹.

O comportamento das famílias em relação ao fato de ter um filho homossexual é algo que inevitavelmente sofre variações em cada caso. No que diz respeito a Ricardo, a sua família parece ter aceitado bem a sua orientação. É claro que existiu certo incômodo, visto que os projetos estabelecidos, em especial, pela mãe, a princípio, não serão correspondidos (ter netos este filho, por exemplo), além do grande medo da reação das outras pessoas. Outro aspecto que me chamou muita atenção é a dificuldade da família em dialogar sobre o assunto. Pelo que Ricardo me disse, a família toda já sabe, mas cada membro lida de uma maneira: uns tratam a homossexualidade como uma doença, outros com certa naturalidade e ainda, alguns não conseguem lidar de modo mais direto, o que remete a uma não manifestação de opinião. Uma notícia de que há um homossexual na família, sem dúvida, gera uma repercussão na família como um todo. ✓

A próxima categoria de análise que defini foi relacionada às mudanças que aconteceram após o processo de se reconhecer e se aceitar homossexual. Os dois entrevistados relataram que se sentem mais seguros, mais confiantes e com menos medo do que os outros vão pensar, mesmo que ainda haja certa preocupação. Também comentaram sobre os ganhos e as perdas, que no caso deles, tangenciaram o campo das amizades. Houve a conquista de novas amizades e perda de outras, mas nada que os deixem muito abalados.

Uma fala interessante de um dos entrevistados é referente aos sentimentos vivenciados antes e após se assumir para os outros. O medo, tão comum e presente nos conflitos experienciados, segundo sua fala, sofre uma mudança de sentido, ou seja, antes, há uma atribuição do medo ao que os outros irão pensar, nas consequências negativas para as suas relações sociais dentre outras coisas, e posteriormente, é atribuído o fato de que o medo não tem a ver com as outras pessoas, mas consigo mesmo. A análise que pude ter sobre isto é que o medo e a insegurança caminham juntos, de modo que quando o sujeito se sente seguro para assumir a sua orientação, o medo em relação aos outros perde sua intensidade, além de uma transformação na própria identidade.

¹ Grifos meus.

Outra questão que merece uma atenção é o fato de que assumir os seus desejos, reconhecer-se homossexual também gera uma estranheza. O segundo entrevistado expôs sobre isso, principalmente porque o assumir o levou a um novo mundo, com comportamentos diferentes, pessoas que ele conhecia e jamais imaginava que também eram homossexuais, a aproximação com as diferentes experiências que expõem a sexualidade do outro, etc.

O que você sentiu quando conseguiu falar, não precisar mais esconder e não ter vergonha em se assumir para os outros?

Ricardo: *Você vira outra pessoa. Você é você mesmo e nada mais te abala. Você descobre que os problemas existenciais e o medo estão em você. No dia a dia de tudo, mesmo no trabalho, aquele grupo que te zoa por trás e você percebe, na minha empresa mesmo, existe grupo assim, como em qualquer ambiente de trabalho, e eu ficava mal, não sei o quê... Engraçado que quando você resolve ser quem você é você não vê mais essas pessoas fazerem isso, continua do mesmo jeito, mas você não percebe...*

Você, então, se sente mais seguro mesmo para se assumir?

Ricardo: *Me sinto seguro completamente. É muito bom. Veste a roupa que quiser. Ai isso aqui tá parecendo gay... Dane-se. Eu sou gay mesmo. É uma paz que você sente. Infelizmente você perde algumas coisas, como a amizade. Algumas coisas vão embora.*

Você acha que teve outro tipo de perda, se assumindo? Ou você acha que foram mais vantagens do que perdas?

Ricardo: *Pô mais vantagens, muito mais vantagens. Não teve nenhuma perda. Só essa questão da amizade.*

E aí como foi a sua vida após assumir-se, porque à medida que você se assumiu para as pessoas mais íntimas, como a sua melhor amiga, a sua mãe, acaba que as suas relações sociais vão mudando e se ampliando, como você mesmo disse, vai ligando o “botãozinho” e não vai ligando mais para isso. Como é que é isso, não tem mais nenhum tipo de vergonha ou você tem alguma preocupação de esconder de algumas pessoas?

Marcello: *Quando a gente se assume, a gente acha que o mundo vai ser contra a gente sempre. E de fato é. Tem um pouquinho disso. Você acha que as pessoas vão falar nas costas, que sua família também vai te ver pelas costas. Às vezes acontece, às vezes não. Em grande parte não aconteceu. Minhas amigas sabem e me adoram. Assumi no dia 10 de dezembro de 2007, perto do meu aniversário de 18 anos. E fui ferver, me jogar na night. Mas é uma coisa muito esquisita, porque você vê as pessoas loucas, dançando, se agarrando, homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher. É tudo muito esquisito. E você sabe que vai encontrar gente conhecida, pessoas que você nem imaginava que fosse e são. Não é a toa que na minha primeira night, encontrei o Gabriel *. E tipo, no começo, quando a gente encontra pessoas*

¹ Grifos meus.

conhecidas, você quer ir embora. Ai meu Deus, e agora? As pessoas vão saber, vai me delatar para o mundo. Hoje, eu encontro gente conhecida e digo: “ai viado, você por aqui, me dá um abraço”, ajo com maior naturalidade, não tenho nenhum problema. No trabalho, para a área que atuo, é uma coisa muito problemática, acho que deve se preservar o máximo que puder. Mas, eu tenho que a consciência que vou esconder pelo resto da minha carreira, porque provavelmente eu posso encontrar alguém, uma menina FDP que me explane para todo mundo. Eu tô consciente disso. Mas não vou deixar de sair por medo de achar alguém do trabalho vai estar. Com meus amigos, foi uma coisa aos poucos, conforme foi ampliando o círculo de amizades, as pessoas foram sabendo, mas não teve nenhum que me virou as costas e me disse, ai não vou falar contigo porque você é viado.

Apesar de Ricardo afirmar que as perdas são menores em relação aos ganhos, existe um ressentimento em relação àqueles que se afastaram. Não se pode afirmar que essas pessoas se afastaram por causa da sua orientação sexual, mas neste caso, ele atribui esse afastamento às suas mudanças. Já Marcello, não sente essa diferença e também não atribui o afastamento dos amigos devido à sua sexualidade, mas sim, pelo fato de estar namorando, que geralmente, ocasiona um afastamento do círculo das amizades, independente do gênero sexual, pois sua atenção fica mais direcionada ao seu parceiro, como aconteceria caso estivesse namorando uma menina.

Mas você sente que alguém se afastou depois de ter assumido ou que a relação mudou para melhor ou pior?

***Marcello:** Não posso responder por concreto isso, porque eu me abri para o pessoal do colégio em uma época em que eu estava namorando¹, ou seja, uma época em que eu estava mais afastado, não sei se eu estivesse solteiro seria o mesmo nível¹. As pessoas sempre conversam comigo, quando eu encontro, ninguém me trata mal, ninguém me exclui porque eu sou viadinho, as pessoas sempre me tratam bem. Tem gente que eu me afastei porque eu tô namorando e não ligo mais para sair como ligava quando eu estava solteiro. E o que mais?*

Outra categoria que é relevante para uma análise da homossexualidade, diz respeito às representações que os entrevistados possuem a cerca da origem da sua orientação sexual. É interessante apontar que as duas respostas dadas atribuem, em certo sentido, a um fator genético ou biológico, já que ambos comentam de suas lembranças de seus desejos na infância. Isto é claro na resposta de Ricardo (vide a categoria infância, analisada anteriormente). Já Marcello, elabora uma explicação que chamou muito a minha atenção. Na sua elaboração, empregou grande ênfase na sua memória e a um questionamento sobre se realmente a educação, ou melhor, a criação dos

¹ Grifos meus.

familiares exerce uma influência fundamental para o direcionamento dos seus desejos a um objeto de mesmo gênero sexual. Neste momento de atribuir uma responsabilidade à educação, é nítido que Marcello se contradiz, pois primeiramente acha que a educação pode sim ter uma forte participação e logo em seguida, sua resposta apresenta um argumento que exime a sua responsabilidade.

Uma questão de curiosidade, como você define a sua homossexualidade, você acredita que a origem tem um fator genético, ou seja, já nasce assim, ou depende da sua formação, da sua educação, das suas relações. Como você define a origem, o fato de ser homossexual?

Marcello: Não sei se já nasce assim. Porque eu acho que a gente tem uma memória quando criança, depois a gente perde e ganha outra memória, aí essa memória enfraquece, aí vem outra memória. Desde que eu me entenda por gente, desde os 10, 11 anos, desde quando eu tenho essa memória que eu lembro, eu tenho atração por meninos. Eu acho que tem a ver com a educação, com uma família que sempre te paparicou muito. Ou também pode ser porque nasceu assim¹. Para descobrir isso, tem que resgatar a memória de criança. Eu não lembro a idade, uns sete ou oito anos, eu tentei brincar de boneco de luta, ao invés de brincar de Barbie, que eu preferia. Será que é a educação? Acho que não, acho que a minha mãe nunca me influenciou. Eu não sei a educação que os pais dão tem a ver¹. Até porque em uma casa de 3 ou 4 irmãos, um que é, e o resto não é. Não é possível que quatro irmãos tenham tido uma educação tão diferenciada um do outro. No meu caso, sou filho único praticamente, o meu pai tem outros filhos, mas sou único por causa da distância. Então, eu fui paparicado por meu pai, minha mãe, minha avó, porque eu sou o netinho mais novo, pela mãe do meu irmão que eu chamo de mãe, que sempre me paparicou... É uma coisa complicada, que não tem como definir, porque a gente não tem essa memória de criança, de bebê, aquela cabeça que é. Eu só tenho a memória de criança para adolescência. Eu conheço pessoas que tiveram uma educação completamente diferente da minha, mais rude, e que é também, como o Gabriel*. Na minha opinião, eu acredito que a gente nasce dessa forma, mas não é uma coisa certa, não tenho como afirmar, só posso expor a minha opinião sobre isso.

Uma categoria que me chamou a atenção foi em relação às brincadeiras infantis. No imaginário popular, existem brincadeiras que são só para meninos, assim como, existem outras apenas para as meninas. Quando acontece uma inversão, isto é, quando meninos brincam com brinquedos que geralmente apenas meninas brincam, ou vice-versa, surge um olhar de preocupação, dos adultos, no que diz respeito à sexualidade da criança. Muitos, já rotulam a criança como uma possibilidade de se tornar homossexual no futuro. Os dois entrevistados comentaram um pouco sobre essa questão. Ricardo disse que sempre foi uma tensão estar no

¹ Grifos meus.

meio de meninos, pois as brincadeiras, de alguma forma, cobravam um posicionamento mais masculino, que divergia com os seus desejos. Já no caso de Marcello, era um momento interessante, porque ele gostava de brincar com brinquedos que a sociedade direcionava para o público feminino, mas também se interessava em atividades mais voltadas aos meninos. Então, isso também não causou nenhum tipo de questão, por parte dele.

Retornando para a sua infância, por exemplo, na escola, que tipo de brincadeira havia e a relação com os seus colegas, como era? Você percebia alguma diferença?

Ricardo: *Era muito tenso. Sempre eu tinha que tá me policiando. Eu odiava ficar em um grupo de garotos. Odiava, porque os garotos... Além de criança ser muito malvada. Grupo de garotos é uma tristeza pra gente da nossa natureza, porque estão sempre falando de mulher, de futebol¹. E eu? Têm gays que gostam de futebol, mas eu não gosto de futebol, eu não vivo nada desse mundo masculino.*

E por exemplo, que você comentou que a sua mãe falava do jeito que você brincava de boneca, ao invés de preferir brincar de brinquedo de luta, como é que era as pessoas em sua volta, elas tentavam tolir esse tipo de brincadeira ou deixavam brincar, tanto no colégio, como nos outros lugares.

Marcello: *Não, no colégio não. Eu brincava muito com a Julia*, que era a filha de uma das melhores amigas da minha mãe. Então, eu brincava com ela. Ela tinha vários brinquedos na casa dela, então eu brincava lá. Escola, sempre, eu amo até hoje carro. Então, na escola eu brincava de carrinho. Brincava de ficar correndo um atrás do outro na hora do recreio. De boneca, eu me lembro que brincava só com a Julia, mas tipo, se eu fosse ao shopping, e meu pai me desse uma Barbie ou um boneco para comprar, eu queria a Barbie, mas a minha paixão era carrinho, eu tive até coleção de carrinhos¹.*

Para finalizar, é importante que se reflita sobre as mudanças mais significativas que aconteceram no processo de se reconhecer como homossexual, frente a uma sociedade que ainda possui uma carga forte de preconceito e exclusão. Os dois entrevistados disseram que se sentem mais seguros, mais confiantes e mais felizes pelo fato de se reconhecerem e se assumirem. Mesmo se sentindo mais seguros, os dois entrevistados admitem que não é fácil passar por esse processo, e que mesmo, com as mudanças que a sociedade vem apresentando, ainda sentem um medo pelas perdas que possam sofrer. No entanto, aconselham, a todos que estejam neste dilema consigo mesmo, em reconhecer a sua sexualidade e assumir, já que proporciona um bem-estar consigo mesmo.

* Nome fictício.

¹ Grifos meus

E o eu você gostaria de acrescentar, alguma informação relevante em relação ao assumir-se homossexual, enfim eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

Marcello: *“... A gente não pode se reprimir, a gente tem que se abrir, pode ser que percamos amigos, mas com o dia a dia, a gente vai reconquistar novas amizades, que aceitam do jeito que a gente é. E para começar, a gente tem que se aceitar como a gente é. Não é fácil, não é qualquer pessoa que tem isso. Eu tive isso, eu me aceito, não ligo para nada, exceto o trabalho... Existe branco, negro, pardo, homem, mulher e viado. Então, o negro é discriminado, assim como o branco é discriminado, muitas vezes, até por negros, loiros são discriminados, assim como viados são discriminados. Toda raça é discriminada. Mulher também é discriminada pelo homem, assim como o homem é pela mulher”.*

Você acha que já está havendo mudança?

Ricardo: *Já ta havendo, pelo menos no Brasil, a realidade do Brasil. As novelas estão inserindo muito esse lance do cotidiano dos gays, tá acostumando as pessoas. Agora como os protestantes estão falando, ser gay é questão de enaltecimento. Agora tem esse negócio de orgulho gay. Que eu não concordo muito. Não precisa ficar gritando para todo mundo. Tem um cara que deixa uma placa na Lapa toda sexta feira “Militar e gay” E daí, não tem nada a ver, não vou votar.*

Gay não é símbolo de identidade, no sentido de um atributo, que vai enaltecer ou inferiorizar certo?

Ricardo: *Não, jamais, eu sou gay, do jeito assim como estou vestido de vermelho, sou gay. Não é uma coisa que influi porra nenhuma, as pessoas que fazem um alarde do caramba. É cultura, é religião...*

Portanto, não é interessante utilizar este contexto para se enaltecer ou como um atributo, tão comum nos grandes movimentos e na mídia, visto que a homossexualidade é uma possibilidade de uma orientação sexual, mas não podemos afirmar se é melhor ou pior do que as outras possibilidades. Pelo que pude captar da fala dos entrevistados, esta orientação faz parte de suas vidas, de suas histórias, mas isso não significa que deva ser exposto e escancarado para todos, como forma de se conquistar alguma coisa, pois assim, acaba a direcionando para uma concepção de doença, de inferioridade, não atingindo a ideia de igualdade perante às outras formas de se obter prazer, além de como podemos contribuir para um aumento de sofrimento do outro sem nos conscientizarmos disso.

Considerações Finais

Escrever este trabalho foi desafiante e muito prazeroso, porque me levou a um universo que eu tinha contato, visto que muitos dos meus amigos são homossexuais, mas eu não tinha ideia da complexidade das experiências subjetivas que vivenciavam. Foi um trabalho que não foi fácil, pois analisar a história de vida de cada um exige tempo, paciência e sensibilidade. No entanto, acredito que foi uma atividade importante, tanto como profissional, como pessoal, porque me levou ao exercício da escuta, tão importante quando lidamos com a vida de outras pessoas, já que devemos tentar entender o seu discurso a partir de diferentes aspectos, mas principalmente, a partir do seu contexto, além de também me exigir um exercício de saber limitar as diferenças entre as minhas opiniões, os meus preconceitos e as representações elaboradas pelos outros, o que é muito delicado.

Acredito que consegui atingir um dos meus objetivos que era escrever um trabalho que não tivesse o cunho de pregar uma defesa ou um julgamento dos comportamentos homossexuais, mas que pudesse possibilitar aos leitores um mergulho na subjetividade, através de uma aproximação com uma experiência que nos leva um contato com diferentes afetos.

Quando escolhi este tema, eu sabia que não seria fácil, pois foi um trabalho diferente de tudo o que já tinha escrito até então. Aliás, escrever é muito difícil, hoje, com certeza, admiro muito mais aqueles que conseguem escrever textos magníficos que nos ajudam a nos entreter, a estudar, a nos informar, etc. ✓

Em relação à homossexualidade, o que pude apreender com este trabalho, é que talvez, não seja o mais relevante identificar quais são as causas, se realmente existem determinantes genéticos, educacionais ou culturais, mas a atenção ao sofrimento proveniente do conflito que geralmente surge nas pessoas quando a direção dos seus desejos diverge do que é estipulado pela sociedade. Muitas vezes, não nos damos conta de que aquela pessoa, que pode ter um jeito diferente de ser, possa estar passando por um sofrimento que cause sintomas mais sérios, como a depressão, um afastamento dos seus grupos sociais, o que acaba favorecendo até atitudes fundamentadas no preconceito. ✓

Aliás, a homossexualidade, como qualquer outro fenômeno que diz respeito ao comportamento do ser humano, merece um olhar de diferentes áreas do conhecimento para que seja mais compreendida. É claro que neste trabalho, não tive a oportunidade de abranger as muitas ciências presentes na atualidade, mas tentei conciliar o olhar da antropologia, a partir das

histórias das sociedades e das culturas, e da Psicanálise, que ajudou na compreensão dos processos que passamos no desenvolvimento da sexualidade.

Por fim, espero que este trabalho ajude, não só aos educadores, que participam ativamente nas histórias de vida de seus alunos, mas aos leitores com diferentes formações, para que possam também exercitar os seus ouvidos, a empatia e a sensibilidade para que assim, avaliem o seu modo de relacionar com as pessoas, principalmente àquelas que divergem do padrão de normalidade, tão presente nas nossas concepções. Uma das propostas desta monografia foi oferecer um maior entendimento dos aspectos subjetivos envolvidos na homossexualidade para que as pessoas possam lidar melhor com este fenômeno, tanto nas escolas, como nos diferentes ambientes de convivência, para que assim, possam estar atentos ao modo de se tratar um homossexual, e também de ter sensibilidade às questões que vivencia, não contribuindo ainda mais com atitudes estigmatizantes e preconceituosas, respeitando a sua singularidade e a diversidade.

Referências Bibliográficas

- BARBERO, G.H. *A Psicanálise e as manifestações contemporâneas da sexualidade. Um outro saber possível.* In Pulsionais: Revista de Psicanálise, ano XVI n. 170, junho de 2003.
- FREUD, S. *Um caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos.* In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1905, volume VII, Rio de Janeiro, publicado pela Editora Imago, 1996.
- FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar da Civilização e outros trabalhos* In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 1930, volume XXI, Rio de Janeiro, publicado pela Editora Imago, 1996.
- JONES, E. *Vida e Obra de Sigmund Freud.* 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- NAPHY, William, *Born to be Gay. A História da Homossexualidade.* Lisboa: Edições 70, 2004.
- PAULILO, M. A. S. *A pesquisa qualitativa e a História de Vida.* In: Serviço Social em Revista volume 2 nº 1, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, Julho-Dezembro de 1999.
- Revista VEJA: "Gays: A vida fora do armário", edição 1808 do dia 25/06/2003.
- <http://www.historiadomundo.com.br/idade-ontemporanea/historiahomossexualidade.htm>, acessado em 17/09/2010. => não deve ser tomado como referência bibliográfica
- Homossexualidade e Bíblia - Sodoma e Gomorra: texto retirado do site <http://www.betelrj.com/node/301>, acessado em 17/10/2010.

Fora das normas

Isabela: há títulos interessantes sobre a história de homossexualidade, como artigos do Luis Mott, Ugo Bellini.

Em inglês eu indico de J. Boswell (historiador):
Same-Sex unions premodern Europe.

Anexos

Entrevista 1

Como é se descobrir gay?

Ricardo*: *Você cresce aprendendo que é errado, que é isso que é aquilo... Eu lembro quando era criança... Não sei, não entendia nada. Você já sabe desde quando nasce.*

Você já sabe desde quando nasce?

Ricardo: *Você já tem desejos. É como quando você vê um homem bonito e você acha interessante. É a mesma coisa. Quando eu era criança, ia com a minha mãe ao salão de beleza. Eu tinha uns 6 ou 7 anos. Eu lembro que eu olhava as revistas e via os homens e achava bonito. Eu não entendia o que tava acontecendo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Mas achava bonito. Eu lembro uma vez também que eu vi o Sergio Malandro na televisão. Tava passando o programa dele... Olha só! Tá tão natural na gente! Ai eu falei com a minha mãe: "Nossa, como ele tá bonito hoje!". Olha só, eu tinha essa idade mais ou menos. Ai minha mãe falou: "Tá, mas Ricardo, você não pode achar homem bonito não, não pode falar isso não". Ai você já começa a aprender esse negócio que não pode agir desse jeito. Já começa a aprender que tá errado. Ai você já vai se cortando.*

Você sofria muito com isso, no sentido de que o desejo era mais forte e as pessoas iam reprimindo?

Ricardo: *Não. Porque quando você é criança, você não tem esse lance, não tem essa questão formada. Você vai vivendo, né... Criança quer mais é brincar, você sente prazer, você é negado. Mas isso não vira uma questão tão grande porque ainda não é adolescente. Não chegou aos 16 anos, não é uma questão existencial. Então, você vai levando. Essa é a questão. As pessoas vão chegando nessa idade e vão escondendo. Porque elas não se acostumam nessa vida. É complicado, Isabela. Ai vai, vai aprendendo que é errado... Agora, a minha adolescência foi um inferno. Já na parte que você vai criando consciência...*

Com quantos anos, aproximadamente, que você foi criando essa consciência?

Ricardo: *Pô, eu não sei te precisar não. Mas sei lá, uns 13 ou 14 anos. Engraçado, você lembra de eu ter namorado a Renata* não lembra? Namorei ela...*

Então, eu concordei e completei dizendo que foi a sua primeira namorada e que todo mundo a disputava.

Ricardo: *Aham. Eu sentia uma coisa por ela. Olha que coisa doida, esse lance da cultura. Mãe e pai, seus amigos vão ensinando que é errado, ahh "viadinho, não sei o que... Ai você começa a viver uma coisa que não é você. Olha só, eu me apaixonei por ela, gostei dela mesmo... Depois a gente terminou, não vem ao caso, fiquei até meio mal na época. Mas só para*

* Nomes fictícios.

te mostrar que a gente se envolve e não percebe. É uma coisa doida, você não percebe, vai te tomando por inteiro...

Afirmar para ele para ver se concordava que esta relação(com a primeira namorada) foi algo que surgiu a partir do desejo e não simplesmente para mostrar para os outros que era heterossexual.

Ricardo: *É... Uma questão do desejo. Justamente, como te falei, quando criança a gente não tem essas questões formadas. Já a outra foi essa questão de namorar para se esconder. A Renata não porque namorei quando criança e ainda esse negócio que a gente não tem nada formado, então você consome, aceita. Já a Michelle* não... A Michelle eu já tinha uma identificação. Precisava em me apoiar em alguém...*

Ainda mais com os amigos e a família cobrando, certo?

Ricardo: *É. Comecei a namorar ela... Bonita, tinha um rosto bonito pra caramba. Ai aquilo me dava um certo status. Por mais que você saiba que as pessoas estão te olhando... Ele é gay... Mas você acredita, você alimenta isso em você, estou com ela, então estou acima de qualquer suspeita.*

Intervenho fazendo um comentário sobre a sua história, já que tive a oportunidade de presenciar o segundo namoro dizendo que foi um namoro duradouro, mas também foi um momento em que mais apareceu, que ficou mais evidente o seu lado homossexual, que foi um período em que você mais se abriu , aparentando ficar mais a vontade para o mundo através da vaidade...

Ricardo: *A questão da vaidade... Porque a gente começa a se sentir seguro, ganha segurança, mas começa a mesclar as coisas. Ai eu comecei a me arrumar, só que tudo para o lado "homo". Por mais que a gente pense: "não, eu não sou", mas usa aquelas roupas apertadas, aquelas coisas de homossexuais, eu usava. É muito esquisito.*

Retornando para a sua infância, por exemplo, na escola, que tipo de brincadeira havia e a relação com os seus colegas, como era? Você percebia alguma diferença?

Ricardo: *Era muito tenso. Sempre eu tinha que tá me policiando. Eu odiava ficar em um grupo de garotos. Odiava, porque os garotos... Além de criança ser muito malvada. Grupo de garotos é uma tristeza pra gente da nossa natureza, porque estão sempre falando de mulher, de futebol. E eu? Têm gays que gostam de futebol, mas eu não gosto de futebol, eu não vivo nada desse mundo masculino.*

Então são comportamentos, ações que são considerados heterossexuais, que afirmam a masculinidade...

Ricardo: *Pois é... Não tinha nenhuma paixão nenhum interesse por isso. Então eu tinha que assistir as conversas e era aquela tensão, aquele medo de sair e de chamar atenção. Aquele medo da pessoa perceber e perguntar alguma pra mim. Nossa sempre foi horrível. E ai por mais que a gente queira esconder, a gente mostra. Porque é a nossa natureza, o nosso jeito de andar, de falar... Ai criança daquele jeito vai e te zoa. E você se sente mal.*

Você se lembra de alguma situação de zoeira nitida que era relacionada à sua sexualidade?

Ricardo: *Não tem nada muito grave não. Eu me lembro da cobrança, “ahh viadinho, se comporta que nem homem”. Isso foi crescendo com a minha adolescência. No Ensino Médio foi complicado. Porque eu tinha amigos que... Um garoto da minha sala me cobrava muito isso. “Ah se comporta que nem homem”. Você sempre tinha que tá se policiando. Se fizesse alguma coisa, “ai não sei o quê”. Criticava você porque você falou mole. É uma coisa que você não tem como lutar. Você quer gritar: “Porra, você faz isso e não te chamam de viado porque pra mim me chamam? ”Você não sabe entender, é muito esquisito, muito complexo.*

Mas por exemplo, em festa e outros ambientes? Havia uma pressão para conhecer meninas?

Ricardo: *Ótimo, eu tinha esquecido. Você percebeu que eu não acompanhava vocês em bailes e discotecas, nada. Eu posso contar nos dedos às vezes que fui. Acho que fui uma vez com você. E foi uma tensão horrível, horrível. Era um medo desgraçado. Medo de alguma mulher olhar para mim, se interessar. Lembro de uma cena em que nós dois... Não entendi o que aconteceu, talvez você saiba. Eu, você, Luisa* e Mariana*... E aí a Luisa foi dançar comigo, sensualmente... Não sei se você se lembra disso. Eu fiquei muito tenso, pensando, será que ela tá afim de mim. Porque eu não ia dar conta. Ao mesmo tempo querendo fugir, mas não podendo fugir por causa da cobrança. Eu lembro que olhei para Mariana e ela assim para ela, investe, sei lá. Só que a Luisa sentiu que eu não tava correspondendo e parou. Isso também me faz sentir mal também, muito esquisito. Fui embora pensando nisso, porque você não consegue... Você quer lutar contra o inevitável. Quando chegou a internet, entrava em muitos sites gays, sempre com aquele medo da família ver...*

A internet, para a nossa época foi um facilitador. Era uma forma de você ter contato com esse mundo. E só você e o computador sem ninguém ficar sabendo...

Ricardo: *Foi uma coisa nova ver aqueles homens, aquelas fotos, vídeos... Foi ótimo, mas você se sente culpado. Você sente que tá fazendo uma coisa errada. Você fica achando que vai vim alguém, se não vai vim, é esquisito. Aí vou te contar uma coisa que acho que nunca te contei. Mas eu vivi sob o pseudônimo mais longo da minha vida. Eu vivi uma garota chamada Brenda. Eu tive um grupo de amigos de São Paulo de internet por causa do “anime”. Uma amiga deles que não diretamente se relacionou comigo era muito bonita, então peguei a foto dela e coloquei em um MSN que eu fiz, para adicionar caras e conversar em bate-papos da vida. Eu vivi essa garota por mais de um ano, quase dois anos. Era Brenda o nome dela. Isabela, juro para você, tinha horas que eu tinha que parar e pensar: “eu não sou a Brenda, eu sou o Ricardo, que loucura”. Eu ficava horas no MSN dela. Você pensava e você ignorava para não ficar maluco. “Ah, dane-se vou ficar olhando esses homens”. Tem homem que sabe que não é uma mulher que tá ali, tem alguns indícios, ele tá mostrando um vídeo e a mulher apenas uma foto estática, não mostra um vídeo. Mas ele ignora aquilo, ele sente prazer em ser visto por homem.*

Era como você vivesse outra identidade só que estava se misturando com a sua própria identidade. E aí, vivia a outra identidade ou a assumia como a sua própria identidade?

Ricardo: *É, lá eu vivia o que eu queria, não convém dizer aqui o que ocorria.*

Já falamos um pouco da sua infância e também da sua adolescência, em que você disse que foi bem marcante. Falando um pouco mais sobre a sua sexualidade e as suas duas identidades, como é que foi a decisão de você se assumir?

Ricardo: *Eu terminei com a Michelle* por uma questão de briga interna com a família dela. Sobre a questão da sexualidade tem outra coisa que eu queria comentar: eu creio que ela achava que eu era, não sei. Convenhamos eu gosto de Laura Pausini. Eu gosto de Gilmore Girls. Ela via isso. Eu levei para ver Gilmore Girls na minha casa.*

Você acha que alguém comentava com ela sobre isso?

Ricardo: *Acho que a mãe dela. Ela era muito de conversar. E uma das coisas, é que na nossa intimidade, eu percebia que ela me testava.*

E como você se sentia sendo testado?

Ricardo: *Na hora você acha... Agora eu vou, não vou ceder à tentação que ela tá fazendo, eu sei que estou sendo testado. Não me sentia mal em nada, entendeu.*

Talvez você não tenha cedido em assumir uma identidade que ela estava cobrando, no sentido de provar que sou heterossexual...

Ricardo: *Pelo menos eu, não posso generalizar... Mas como homossexual namorando com ela... Eu tenho a alma feminina, não sei se todos os homossexuais têm... Então, nessas pequenas coisas do dia a dia, como assistir um filme... De se comover como uma mulher... E no dia a dia, ela percebe isso... Ela achava: "ai que lindo, você chora, não sei o quê, ai que bonito..." Não tô generalizando, mas para mim é por causa do meu lado feminino. Acredito que isso gerava umas questões nela, com certeza, devia conversar com a mãe sobre isso.*

E você não se privava de fazer isso, ou seja, acabava deixando acontecer?

Ricardo: *Era minha natureza, não tinha como, impossível. Mas isso foi marcante.*

E aí você terminou o namoro e aí, como é que foi? Você continuou a ter experiência com meninas ou você resolveu: "não, é agora é hora de me reconhecer, de misturar Brenda com o Ricardo"?

Ricardo: *A Brenda morreu por causa de um caso particular de um garoto que descobriu que eu não era Brenda, que eu era Brendo. Ele me adicionou em outro MSN, enfim, fez uma jogada lá que fez eu cair direitinho. Ele fez outro MSN falou que era fulana, ai eu falei que gosto de pessoa não sei o quê, ai ele falou não era eu seu filho da puta, vou te caçar, vou te perseguir, vou descobrir teu endereço, vou te matar seu filho da puta. Isso me fez parar de vez. Eu fiquei com um medo danado. Ele disse: vou descobrir teu endereço pelo Hotmail, seu desgraçado!" Eu acho que não dá. Deus me livre! Foi assim que parei. O lance de se descobrir foi meio esquisito. Foi mais ou menos assim, literalmente: não sei onde eu tava e eu cheguei para mim e falei: não, eu sou gay. Foi meio isso. E aí, não sei te precisar quem foi a primeira pessoa que contei.*

* Nome fictício.

Acho que foi a Carla. Sentei com ela no térreo e contei. Ela fez um: "ah" e achou normal e tal. E a partir daí foi um atrás do outro. Falei contigo, com a minha irmã, com a minha mãe... Ela ficou muito preocupada no início. Meu pai ficou sabendo porque o Luciano* foi lá em casa e tudo mais e ele começou a conviver lá em casa. Natural assim.*

O que você sentiu quando conseguiu falar, não precisar mais esconder e não ter vergonha em se assumir para os outros?

Ricardo: *Você vira outra pessoa. Você é você mesmo e nada mais te abala. Você descobre que os problemas existenciais e o medo estão em você. No dia a dia de tudo, mesmo no trabalho, aquele grupo que te zoa por trás e você percebe, na minha empresa mesmo, existe grupo assim, como em qualquer ambiente de trabalho, e eu ficava mal, não sei o quê... Engraçado que quando você resolve ser quem você é você não vê mais essas pessoas fazerem isso, continua do mesmo jeito, mas você não percebe...*

Então você acaba dando outro significado?

Ricardo: *Você ignora. E as pessoas que te zombam, que tem preconceito, elas sabem quando você não tem medo. É como um cachorro que late quando a pessoa tem medo. Quando elas sabem que você é entendido, elas sentem, elas não te zoam. Podem te zoar por trás, mas na tua frente, aquela intimidação, não existe mais.*

Você, então, se sente mais seguro mesmo para se assumir?

Ricardo: *Me sinto seguro completamente. É muito bom. Veste a roupa que quiser. Ai isso aqui tá parecendo gay... Dane-se. Eu sou gay mesmo. É uma paz que você sente. Infelizmente você perde algumas coisas, como a amizade. Algumas coisas vão embora.*

Você acha que suas perdas foram uma desvantagem?

Ricardo: *Não, porque algumas pessoas se desligaram. Acho que a mais significativa entre aspas foi o Fernando *. Não entendo. Mas sempre senti ele muito tenso quando ele fala comigo, sai rápido, mesmo na academia, medo dos outros. Bobeira. Você tem que alimentar na sua cabeça o fato de que se as pessoas estão se afastando de você, não são seus amigos. Só fiquei meio sentido no aniversário dele, que não me convidou não falou nada, mas fazer o quê.*

Você acha que teve outro tipo de perda, se assumindo? Ou você acha que foram mais vantagens do que perdas?

Ricardo: *Pô mais vantagens, muito mais vantagens. Não teve nenhuma perda. Só essa questão da amizade.*

Mas você também ganhou outras novas, já que quando você se assume, você também conhece outro círculo de amizades, não é?

Ricardo: *Ganha, ganha... Por exemplo, uma amiga minha, Julia* da faculdade... Ela sempre foi "entendida" e tudo mais... Ela via em mim, ela via no meu relacionamento com a*

* Nomes fictícios.

Michelle que não existia aquilo ali, que eu era... E sempre quis me instigar. Até que um dia ela entrou no MSN bêbada, ela falou para mim: "você é gay" e eu namorando com a Michelle. Engraçado que a gente não aceita.

E qual foi a sua reação quando ela falou isso?

Ricardo: *Não aceitei. Engraçado, é muito interessante, porque você começa a dar algumas explicações porque você não é, e você acredita nelas. Não, não, isso é completamente cabível, então vai ser isso mesmo. Não, não sou por causa disso e isso. Só porque eu cuido de mim.*

É uma forma racional de defesa?

Ricardo: *É uma defesa, muito esquisito. Você sabe que é, mas não quer viver.*

Você cria uma defesa, que na realidade você quer tentar agir, de fato, de acordo com os seus desejos, mas não é, porque sempre tem alguma coisa impedindo...

Ricardo: *Sempre tem. Eu na minha vida, particularmente, nunca tive esse lance... De passar mal, de ficar em depressão por ser. Mas, foi o que te falei aqueles medos...*

Em algum momento teve medo de se sentir sozinho, o único diferente do mundo?

Ricardo: *Antes de me assumir sim, achei que eu nunca ia namorar alguém na minha vida. Justamente por isso, como é que vou me envolver em um relacionamento, como é que vou casar com uma mulher se eu não consigo fazer nada.*

Mas você tinha projeto de ter filhos, de viver com uma mulher ou não havia essa possibilidade?

Ricardo: *Quando eu fiquei com a Michelle ela me envolveu em uma "capa" que. Eu queria viver o lado homem da minha vida. Então eu planejava em ter filhos com ela.*

Mas acho que mesmo insatisfeito com o namoro, você acha que continuaria com a relação?

Ricardo: *Já, ele seria empurrado com a barriga por mais muito tempo. Se ela não tomasse nenhuma iniciativa. E parecia que não ia tomar, porque já fazia mais de meio ano que a gente ficava no "termina ou não termina". Tudo era motivo de briga. Não tava legal. E ela sempre passiva, ia levando. Não sei, mas acredito que... Não sei se a gente estaria até hoje.*

Mas imagina, se você estivesse com ela, como seria a sua vida, frente a uma sociedade como essa?

Ricardo: *A mesma coisa, os mesmos fingimentos, o mesmo dia a dia, aquela coisa tensa, aquela cobrança, viver embaixo da saia da mulher, com medo de ela perceber. Tendo que mostrar satisfação em tudo o que você age, é muito ruim. No trabalho a mesma coisa, as pessoas iam continuar me zoando e eu ia continuar percebendo. Ia ser aquele fingimento. As pessoas que*

gostam de você sabem que você é, mas não falam, você vê que elas sabem, você fica acorrentado, e não consegue se soltar.

Como você imagina o seu futuro?

Ricardo: *Agora é viver. Eu tô casado com ele e vou viver com ele enquanto der. Se tiver que terminar o relacionamento, vou terminar como qualquer outro. Mas jamais eu vou...*

Se relacionar com outra mulher?

Ricardo: *Não, nunca mais, impossível. Não dá.*

Quais são as suas considerações finais, o que você gostaria de expor, afinal estou fazendo uma monografia na qual vou elaborar um texto, o que você poderia dizer para as pessoas que vão ler qual a sua opinião sobre o assunto de assumir-se, etc.

Ricardo: *Cara não tem volta, é questão de cultura.*

Você acha que já está havendo mudança?

Ricardo: *Já ta havendo, pelo menos no Brasil, a realidade do Brasil. As novelas estão inserindo muito esse lance do cotidiano dos gays, tá acostumando as pessoas. Agora como os protestantes estão falando, ser gay é questão de enaltecimento. Agora tem esse negócio de orgulho gay. Que eu não concordo muito. Não precisa ficar gritando para todo mundo. Tem um cara que deixa uma placa na Lapa toda sexta feira "Militar e gay" E daí, não tem nada a ver, não vou votar.*

Gay não é símbolo de identidade, no sentido de um atributo, que vai enaltecer ou inferiorizar certo?

Ricardo: *Não, jamais, eu sou gay, do jeito assim como estou vestido de vermelho, sou gay. Não é uma coisa que influi porra nenhuma, as pessoas que fazem um alarde do caramba. É cultura, é religião...*

A homossexualidade talvez seja mais uma forma de ter prazer, uma orientação...

Ricardo: *Como qualquer outra. Isso é com o tempo. Depende da pessoa, do meio em que ela vive. De como ela encara as coisas. O dilema está em você, é complicado.*

Você acha que o dilema está mais em você do que na outras pessoas?

Ricardo: *Tá muito mais.*

Então muitas pessoas não se assumem por questões mais pessoais do que as sociais, ou seja, talvez se cobram mais consigo mesmo do que com os outros ?

Ricardo: *As pessoas se cobram né, porque elas querem ter identidade. Muitas pessoas são e vão viver se escondendo com medo, porque não é fácil. Eu não critico uma pessoa que é e*

que vive como hetero, eu não critico. Seria uma hipocrisia muito grande da minha parte e de qualquer outro gay. É muito difícil se assumir, não é fácil.

Então, como você falou, os ganhos são muito maiores que as perdas, certo?

Ricardo: *Pois é, as perdas são relativas, como eu te falei. Elas acontecem, mas você tem que relativizar e aí você encara normalmente.*

Uma curiosidade que tenho é sobre o uso do termo que já até me corrigiram sobre o uso do termo opção ou orientação. Porque uma opção se refere a uma escolha e orientação já está mais ligado ao desenvolvimento da sexualidade.

Ricardo: *A escolha é você viver, e não você ser, você é e ponto final. Agora eu não sou o dono da verdade eu não sei como isso acontece. Não sei se você já nasce predisposto a gostar. Eu olhava o Sergio Malandro e achava bonito. Eu via o Rambo e ficava ereto. É uma coisa que já tá intrínseca, só pode ser. Uma criança que tá aprendendo que tá errado... Por isso que eu acho.*

Se puder, fale um pouquinho mais sobre a sua família, porque acho que você falou muito rápido. Sua mãe aceitou bem?

Ricardo: *Minha mãe aceitou bem. Na verdade, no início, ela criou aquela resistência de: "o que que foi, o que você quer falar?" Querendo botar um medo, só que ela percebeu que eu não tinha mais medo. Eu sou e ponto final. Ela teve que me aceitar. Ela fez não negou de ser, mas ela ficou incomodada. "Poxa vou ficar sem netos, só seu irmão vai me dar". Mas fora isso, não. A minha irmã, eu contei para ela no ônibus. Ela gritou altão: "você é gay"! Ela levou na boa, ficamos mais próximos. Entre mim e ela, nós temos um abismo de demonstrar afetos. Quando eu me assumir a gente se juntou completamente. Agora tá... Eu sabia que esse abismo ia voltar.*

E o seu irmão?

Ricardo: *Eu contei meses depois, só que minha irmã disse que contou na semana seguinte. Nunca demonstrou nenhum preconceito. A gente brinca muito em relação a isso. No início eu achei que minha irmã era, mas conversei e ela diz que não. Eu não tenho que me meter em nada. A minha mãe aceitou, vem aceitando com ressalvas. O Luciano foi lá em casa... Ela sempre o tratou muito bem. Ela nem conhecia o Luciano. A gente ceiou no Natal de 2008 lá em casa. Natal não, ano novo. Minha mãe foi à praia de Copacabana e eu fui com ele. Ela nunca teve esse preconceito de tratar mal, só o medo, do que os outros vão achar. Sempre é isso. Só que a primeira vez que ele foi dormir lá em casa, ela passou mal. Ai caiu a ficha caiu. Ela não conseguiu dormir, passou mal. Ela viu, o meu filho é gay.*

E o seu pai?

Ricardo: *Minha mãe ficou com medo, mas eu falei não vou ficar me escondendo. Ai minha mãe falou com ela na praia um dia, num domingo. Ai ele falou, fazer o que né.*

Mas você nunca falou com ele sobre isso?

Ricardo: Não. Nunca conversei com ele. Minha mãe disse que ele falou fazer o que né. Eu nunca senti medo da rejeição do meu pai. Primeiro que eu não tenho uma relação muito próxima com ele. Meu pai não tem nenhuma moral. Segundo que eu já tinha perdido o medo de tudo. E terceiro que a melhor amiga dele é lésbica, seria uma hipocrisia gigantesca! Trata o Lú bem, do jeito que ele trata bem, "oi, oi" fala assim. Mas na boa, ele pede favor para o Lú do trabalho dele...

E com relação a sua família em geral, as suas tias, suas primas...

Ricardo: É claro que todo mundo já sabe, mas ninguém comenta. A parte da minha mãe já é mais próxima. Por exemplo, a minha prima, Gisele* ela tem a minha mãe como mãe dela. A verdadeira mãe dela, que é minha tia, não a trata muito bem. Ela foi viver em Natal com o marido dela. Ela voltou agora com os filhos se separaram. Essa minha prima foi se descobrir lésbica lá em Natal teve relação com uma mulher e tudo mais. E quando ela veio para cá, encontrou alguém para falar sobre isso: eu! Ela não tinha ninguém para falar sobre isso. Quando falei de mim, pronto. Eu sabia que ela era, a família conta.. "Ai quero ir à boate, não sei o quê...". Tava querendo descobrir uma nova vida. Na parte da minha mãe, teve mais contato, as pessoas falam comigo numa boa. As pessoas mandam depoimento no Orkut: "Ai eu te apoio, estou com você".

E aqueles que se assumem como heterossexuais, mas possuem desejos homossexuais estão por aí, né?

Ricardo: Faz parte do mundo. Eu tenho uma prima também que fugiu de casa para viver com uma garota por parte de mãe. Talita o nome dela. Linda ela. E que voltou. Tá vivendo com a mãe dela de novo. Se separou e agora tá namorando um garoto. Ela atribui o fato ao diabo, agora ela encontrou Jesus. Ela mesma escreve no Orkut, muito engraçado.

É uma forma que as pessoas encontram de suprimir o desejo, que está ali, através da religião, da cultura. Tem até um texto de Freud "O mal estar da civilização" em que ele diz que a cultura serve para reprimir os desejos, para que haja a civilização, senão, como seria possível haver uma sociedade se todos conseguissem suprir os seus desejos?

Ricardo: A cultura então serviria para dar uma regra, padronizar, estereotipar...

Entrevista 2

Estou fazendo um trabalho a cerca da homossexualidade, em especial do “assumir-se homossexual”. Mas antes de entrarmos neste ponto, gostaria de saber mais sobre a sua infância. Como é que foi no que se refere a este assunto, se você se sentia diferente em relação às outras crianças a cerca da sua sexualidade?

Marcello: Só no prédio mesmo.

Como eram as suas relações, como por exemplo, na escola e no prédio?

Marcello: Escola não, escola eu nunca tive nenhum tipo de problema. No prédio, tinha mais esse negócio de “bichinha para cá, bichinha para lá”, mas nunca fui excluído da sociedade.

Então você disse que no prédio onde mora você sofreu mais do que na escola. Como foi esse sofrimento?

Marcello: Não, nunca foi um sofrimento. Era mais época de briga na qual eu estava. Acho que eu nunca fui discriminado, jogado de lado. Até porque depois muita gente era também no prédio. Na escola, eu sempre fui muito “popzinho”. Sempre tive muitos amiguinhos, então isso nunca foi um problema.

Mas como era quando as pessoas faziam esses xingamentos? Como você se sentia, reagia, você ficava natural ou se incomodava com alguma coisa?

Marcello: Ah, a gente fica triste, porque a gente nunca quer ser xingado, excluído. Excluído não, porque eu nunca fui, mas a gente não quer ser oprimido pela sociedade. Nunca foi um problema do tipo “ai eu vou morrer por causa disso”, criança né, a gente é xingado e cinco minutos depois tá rindo de novo.

Mas você entendia o porquê de ser xingado desta maneira, você percebia alguma coisa diferente ou você achava normal? Não se perguntava: “por que não xingam assim as outras pessoas”?

Marcello: Olha, entender a gente nunca entende. Sei lá, é coisa de criança, uma parada que teu melhor amigo te xinga agora e logo depois já está brincando. Acho que eu nunca me senti o mundo é contra mim, acho que nunca foi assim não.

Bom, chegando à adolescência, já que na infância você disse que não se dava muito conta disso, as pessoas te xingavam achava normal e depois ficava tudo bem. E na adolescência, como é que foi? As pessoas ficavam comentando, como você reagiu? Isso se tornou uma questão, você se percebia diferente?

Marcello: Olha, na adolescência, acho que sumiu. Pelo menos os xingamentos, acho que eles desaparecem, afinal as pessoas amadurecem. Acho que não tinha ninguém mais xingando na minha frente. E pelas costas, pode ser que tenha, a pessoa com mais intimidade poderia ter comentado alguma coisa com outra pessoa. Na escola, acho que a mesma coisa, acho que nunca

mudou nada. Eu mudei de escola e sempre estive no meio da galera. Então, também, na frente, nunca tive nenhum problema. Comentários, nunca chegaram até a mim, então eu também não sei. No prédio também podem ter comentado, mas eu não sei a que nível.

Quando foi o momento que você sentiu que o seu desejo era diferenciado da maioria das outras pessoas? Quando você percebeu que o seu desejo era voltado mais para o lado “homo” e não para o lado “hetero”? Quando percebeu isso e como é que você se sentia?

Marcello: *Cara, acho que a gente percebe desde sempre. Isso é uma coisa assim... Eu nunca tive atração por menina. Eu nunca tive “ai, eu quero namorar fulana”. Saía com os amiguinhos para a matinê e nunca tinha interesse de ficar com as meninas. Quando fica mais nítido e a gente pensa: “hum que delícia, quero esse” é uma transição que ocorreu, para mim, aos 14, 15 anos, foi quando comecei a ter os meus “peguetes”.*

Mas como você se sentia nessa época, pois você saía muito desde cedo, de ir nas festas e talvez tinha que assumir uma postura frente aos seus amigos. Como é que era isso, já que percebia um desejo diferente do deles. Tentava passar uma imagem de “hetero”, assumindo um perfil, conhecia uma menina só para mostrar para eles, ou não você ficava na sua e ninguém comentava, como é que era isso?

Marcello: *Ai acho que foi uma fase confusa, tipo eu comecei a sair para night mesmo de chegar às 5 da manhã por volta dos 14 anos. Fiquei com meninas, fiquei, não vou mentir. Mas acho que foi mais pela confusão do que para mostrar para os meus amigos que sou pegador. Até porque enquanto eles pegavam 25 eu ainda tava na segunda ainda. Tem micareta que extrapolava um pouquinho, mas micareta todo mundo é de todo mundo. Nunca pensei: “ai vou pegar aquela mulher para mostrar aos meus amigos que eu sou o macho da parada”. Quando eu pegava alguém, uma menina era porque acontecia. Nunca foi para me mostrar para fulano. Também quando não pegava alguém, saía esculachando a porra da festa. Nunca precisei mostrar para ninguém. Eu ficava tranquilo. Quando eu ficava com uma menina, era mais pela confusão da idade.*

E quando você se deu conta que era homossexual, ou seja, disse para sim mesmo, eu sou gay, gosto de meninos e não de meninas.

Marcello: *Ah quando entendi, de fato... Acho que foi quando terminei a escola. Eu terminei cedo, com 16 anos. Acho que foi nessa época, nessa fase. Parei logo depois de pegar mulher, até porque surgiu o Lúcio*. Foi nessa época mesmo. Acabou a escola e acabou essa coisa constrangida de pegar meninas.*

Como é que foi o dia que você se deu conta de que não é isso que eu quero para minha vida, eu quero isso, no sentido de assumir esse desejo, de me relacionar com homem independente de tudo que pode acontecer?

Marcello: *Acho que não foi um dia, foi uma fase, um período. Não foi um dia, do tipo, acordei e “ai vou me relacionar com homens”. Mas foi uma fase, você vai se conscientizando. Um dia, você sai e pega cinco menininhas, depois quatro, depois três, depois duas, uma. Daí que você resolve que não vai ficar mais com mulher.*

Bom, você falou que a sua adolescência, não teve tantos conflitos relacionados à sua sexualidade, até que foi tranquila, claro, teve alguns conflitos naturais da idade, mas nunca sofreu demasiadamente. Como foi o processo de assumir-se, como você se sentiu, como é que foi a reação da sua família e de seus principais amigos?

Marcello: *Ai, o processo de assumir-se foi um baque, um soco na cara. E não tinha com quem conversar. Eu precisava dividir isso com alguém, tirar um peso das minhas costas. E não foi uma coisa trabalhada na minha cabeça. Eu cheguei, preciso conversar com alguém pensei em alguém e disse, ai a pessoa vai ser essa. E é essa mesmo. Doa ou não, vou ter que conversar, porque tenho que tirar isso de mim e tenho que repartir com alguém. Família, a pessoa que soube foi a minha mãe. É praticamente a única pessoa que sabe. Minha madrinha soube este final de semana. Minha mãe foi uma coisa muito mais trabalhada de fato, porque já vinha saindo para nights GLS, então surgia, de fato, um segundo namoradinho, e o relacionamento foi ficando sério, então, tinha que justificar as minhas saídas, meus finais de semana fora, meu tempo fora de casa, de alguma forma, e aí as formas de justificar isso foram se esgotando. Então, falei: “doendo ou não, vou ter que contar, liguei o foda-se bem vermelho em caixa alta”, sentei e conversei. A reação não foi das melhores. Hoje, é tudo de bom, não é aquela coisa tão perfeita, como eu gostaria que fosse, mas é tranquilo.*

E aí como foi a sua vida após assumir-se, porque à medida que você se assumiu para as pessoas mais íntimas, como a sua melhor amiga, a sua mãe, acaba que as suas relações sociais vão mudando e se ampliando, como você mesmo disse, vai ligando o “botãozinho” e não vai ligando mais para isso. Como é que é isso, não tem mais nenhum tipo de vergonha ou você tem alguma preocupação de esconder de algumas pessoas?

Marcello: *Quando a gente se assume, a gente acha que o mundo vai ser contra a gente sempre. E de fato é. Tem um pouquinho disso. Você acha que as pessoas vão falar nas costas, que sua família também vai te ver pelas costas. Às vezes acontece, às vezes não. Em grande parte não aconteceu. Minhas amigas sabem e me adoram. Assumi no dia 10 de dezembro de 2007, perto do meu aniversário de 18 anos. E fui ferver, me jogar na night. Mas é uma coisa muito esquisita, porque você vê as pessoas loucas, dançando, se agarrando, homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher. É tudo muito esquisito. E você sabe que vai encontrar gente conhecida, pessoas que você nem imaginava que fosse e são. Não é a toa que na minha primeira night, encontrei o Gabriel *. E tipo, no começo, quando a gente encontra pessoas conhecidas, você quer ir embora. Ai meu Deus, e agora? As pessoas vão saber, vai me delatar para o mundo. Hoje, eu encontro gente conhecida e digo: “ai viado, você por aqui, me dá um abraço”, ajo com maior naturalidade, não tenho nenhum problema. No trabalho, para a área que atuo, é uma coisa muito problemática, acho que deve se preservar o máximo que puder. Mas, eu tenho que a consciência que vou esconder pelo resto da minha carreira, porque provavelmente eu posso encontrar alguém, uma menina FDP que me explique para todo mundo. Eu tô consciente disso. Mas não vou deixar de sair por medo de achar alguém do trabalho vai estar. Com meus amigos, foi uma coisa aos poucos, conforme foi ampliando o círculo de amizades, as pessoas foram sabendo, mas não teve nenhum que me virou as costas e me disse, ai não vou falar contigo porque você é viado.*

Mas você sente que alguém se afastou depois de ter assumido ou que a relação mudou para melhor ou pior?

Marcello: Não posso responder por concreto isso, porque eu me abri para o pessoal do colégio em uma época em que eu estava namorando, ou seja, uma época em que eu estava mais afastado, não sei se eu estivesse solteiro seria o mesmo nível. As pessoas sempre conversam comigo, quando eu encontro, ninguém me trata mal, ninguém me exclui porque eu sou viadinho, as pessoas sempre me tratam bem. Tem gente que eu me afastei porque eu tô namorando e não ligo mais para sair como ligava quando eu estava solteiro. E o que mais?

Se houve mudança nas relações, se alguém mudou o jeito de agir com você pelo fato de ser homossexual, já que possui muitos amigos heterossexuais, como é, são relações mais tranqüilas ou rola uma tensão?

Marcello: Então, as meninas que eu sempre fui muito amigo e que tenho contato, que estudaram comigo no Ensino Médio, eu não posso falar que me afastei e que se afastaram de mim, porque eu tô namorando e porque não procuro mais como antes. Eu acho que não que eles não estão afastados de mim, até porque outras pessoas se abriram e está super tranqüilo. Você tinha perguntado sobre quem se aproximou, acho que você, a gente ficou muito mais próxima. A Carla* eu acho que ficou a mesma coisa. Gabriel*, mas Gabriel pelo fato de ser também, isso influenciou. A gente não se dava tanto e depois ficamos super amigos. Hoje, ele se afastou por uma escolha dele, é um caso a parte, ele quis se isolar. Acaba amadurecendo a relação de amizade também porque eu entendo que as pessoas “heteros” pensarem, “porra” um amigo que se assumiu para você e você espera uma coisa, e depois acaba tornando outra coisa, ainda mais nessa idade de 17 e 18 anos, é uma idade que as pessoas saem da adolescência para se tornarem homens, mulheres, pessoas formadas. Eu acho que acaba amadurecendo a relação de amizade.

Uma questão de curiosidade, como você define a sua homossexualidade, você acredita que a origem tem um fator genético, ou seja, já nasce assim, ou depende da sua formação, da sua educação, das suas relações. Como você define a origem, o fato de ser homossexual?

Marcello: Não sei se já nasce assim. Porque eu acho que a gente tem uma memória quando criança, depois a gente perde e ganha outra memória, aí essa memória enfraquece, aí vem outra memória. Desde que eu me entenda por gente, desde os 10, 11 anos, desde quando eu tenho essa memória que eu lembro, eu tenho atração por meninos. Eu acho que tem a ver com a educação, com uma família que sempre te paparicou muito. Ou também pode ser porque nasceu assim. Para descobrir isso, tem que resgatar a memória de criança. Eu não lembro a idade, uns sete ou oito anos, eu tentei brincar de boneco de luta, ao invés de brincar de Barbie, que eu preferia. Será que é a educação? Acho que não, acho que a minha mãe nunca me influenciou. Eu não sei a educação que os pais dão tem a ver. Até porque em uma casa de 3 ou 4 irmãos, um que é, e o resto não é. Não é possível que quatro irmãos tenham tido uma educação tão diferenciada um do outro. No meu caso, sou filho único praticamente, o meu pai tem outros filhos, mas sou único por causa da distância. Então, eu fui paparicado por meu pai, minha mãe, minha avó, porque eu sou o netinho mais novo, pela mãe do meu irmão que eu chamo de mãe, que sempre me paparicou... É uma coisa complicada, que não tem como definir, porque a gente não tem essa memória de criança, de bebê, aquela cabeça que é. Eu só tenho a memória de criança para adolescência. Eu conheço pessoas que tiveram uma educação completamente diferente da minha, mais rude, e que é também, como o Gabriel*. Na minha opinião, eu acredito que a gente nasce dessa forma, mas não é uma coisa certa, não tenho como afirmar, só posso expor a minha opinião sobre isso.

* Nomes fictícios.

E por exemplo, que você comentou que a sua mãe falava do jeito que você brincava de boneca, ao invés de preferir brincar de brinquedo de luta, como é que era as pessoas em sua volta, elas tentavam tolir esse tipo de brincadeira ou deixavam brincar, tanto no colégio, como nos outros lugares.

Marcello: *Não, no colégio não. Eu brincava muito com a Julia*, que era a filha de uma das melhores amigas da minha mãe. Então, eu brincava com ela. Ela tinha vários brinquedos na casa dela, então eu brincava lá. Escola, sempre, eu amo até hoje carro. Então, na escola eu brincava de carrinho. Brincava de ficar correndo um atrás do outro na hora do recreio. De boneca, eu me lembro que brincava só com a Julia, mas tipo, se eu fosse ao shopping, e meu pai me desse uma Barbie ou um boneco para comprar, eu queria a Barbie, mas a minha paixão era carrinho, eu tive até coleção de carrinhos.*

E o eu você gostaria de acrescentar, alguma informação relevante em relação ao assumir-se homossexual, enfim eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

Marcello: *Eu acho que as pessoas devem sentir... Achar que você não deve contar, que o mundo será contra mim, ou que não vai ter amigos mais, nunca mais, não vai ter família... Na verdade é uma coisa boa, já que se deve pensar nisso. Mas é uma coisa que você perde e reconstrói. Claro que tem pessoas, que você perde reconstrói. Tem amigos que vão e que vem. No caso, uns poucos e bom. Se gostam de fato de você, é um momento único para provar que se gostam de você de verdade, vão ficar no seu lado. Em relação a família, é uma coisa muito complicada, pois os pais vão achar o que a sociedade vai achar do meu filho, o que as pessoas vão achar da minha família, aí porque tem o diabo aqui, o que eu acho resumindo isso, é que ninguém deve ter vergonha de se abrir, ir para night, bater cabelo, chegar 6 horas da manhã, ferver, entrar em ebulição, com moderação, sem drogas, com álcool, principalmente. A gente não pode se reprimir, a gente tem que se abrir, pode ser que percamos amigos, mas com o dia a dia, a gente vai reconquistar novas amizades, que aceitam do jeito que a gente é. E para começar, a gente tem que se aceitar como a gente é. Não é fácil, não é qualquer pessoa que tem isso. Eu tive isso, eu me aceito, não ligo para nada, exceto o trabalho. Mas enfim, se eu for deixar uma mensagem para alguém, não tenha vergonha do que você é. Existe branco, negro, pardo, homem, mulher e viado. Então, o negro é discriminado, assim como o branco é discriminado, muitas vezes, até por negros, loiros são discriminados, assim como viados são discriminados. Toda raça é discriminada. Mulher também é discriminada pelo homem, assim como o homem é pela mulher. Enfim, a pessoa deve tentar se aceitar do jeito que é. A mensagem que eu deixo é: seja feliz do jeito que você é e não do jeito que a sociedade quer que você seja. Um beijo.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Isabela Praxus Mendes - 20041351020

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Homossexualidade: Um diálogo entre a Psicanálise e as histórias de vida.

ORIENTADOR(A): Prof.^a Dra Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Valínia Wilke

Nota: 10,0

Considerações:

O tema do trabalho monográfico é relevante, uma vez que, especialmente, o campo educacional está se abrindo para a reflexão acerca dos questões de gênero, sobretudo os sexuais. A homossexualidade é um assunto com qual atravessado por preconceitos de diferentes ordens e que se manifestam, por exemplo, na não aceitação e na discriminação de alunos e professores nas escolas. Neste sentido, é altamente promissor e salutar um trabalho monográfico que atua na contramão dos preconceitos e da afirmação de bordões do senso comum e trata o tema de modo fundamentado. A autora procura contextualizar a discussão historicamente e conforme a perspectiva psicanalítica. No âmbito do método, a autora utilizou a História das Vivências, que lhe permitiu o contato com o universo homossexual e também as reflexões sobre este universo. Parabéns a autora, Isabela Mendes, e sua orientadora, prof.^a Sandra Albernaz, pela escolha e pela abordagem do tema.

DATA: 21.12.2010

Assinatura: Valínia Wilke

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Sandra Albanaz de Medeiros

Nota: 10,0

Considerações:

A monografia presente demonstra cuidado com a questão proposta - a homossexualidade - e demonstra um pensamento de pesquisadora.

Sua discussão teórica é pertinente e obedece ao rigor necessário para indicar como o processo de produção do contínuo pode se desenvolver.

Meus parabéns para a Isabela!

Data: 21.12.2010

Assinatura: [Assinatura]

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	10,0	10,0

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2010.

[Assinatura]

Prof. Orientador